

# RESPOSTA AO CENTRO PÓS-PANDÊMICO

---

construção de pertencimento com pessoas em situação de rua

**RESPOSTA AO CENTRO  
PÓS-PÂNDEMICO**

construção de pertencimento  
com pessoas em situação de rua

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Trabalho Final de Graduação

**Beatrice Costa Silva**

Orientador: Jorge Fleury

Rio de Janeiro, 2021

## RESUMO

Este trabalho busca potencializar a revitalização do Centro do Rio de Janeiro, cuja decadência foi catalisada pela pandemia. O projeto aborda a questão da população de rua e tem como objetivo alterar sua atual condição. Para isso, propõe-se uma estrutura efêmera como meio para se atingir uma solução estável. Almeja-se replicar o resultado, visando uma melhora no cenário atual, através da construção de pertencimento da população com o bairro.

01

introdução

02

conceituação

03

proposta teórica

04

projeto

05

conclusão

06

bibliografia



# 1

## INTRODUÇÃO

O Centro do Rio de Janeiro pode ser considerado o epicentro comercial da cidade. Composto majoritariamente por edifícios comerciais, é onde está concentrado mais de um terço dos empregos. No entanto, apesar de ser um bairro importante no contexto do Rio de Janeiro, ele vem sofrendo uma degradação constante. É importante salientar que antes mesmo da crise sanitária do Covid-19, essa situação já era notável na região. Segundo o diretor da Sergio Castro, uma das maiores empresas imobiliárias, antes da pandemia, 40% dos imóveis já estavam vazios<sup>1</sup>. Apesar de já existente, esse cenário foi extremamente intensificado com a chegada da pandemia.

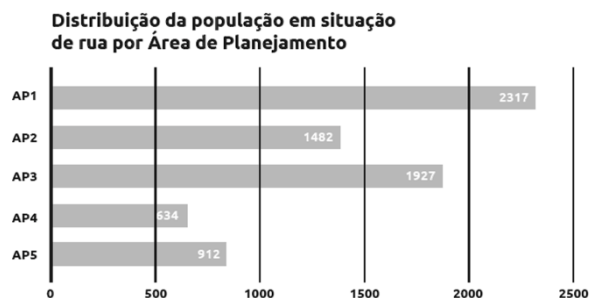


FIGURA 1\_ Reportagens sobre consequências da pandemia no Centro do Rio de Janeiro

FONTE: sites conforme indicado

Em março de 2020, iniciou-se uma quarentena, onde diversas empresas tiveram que aderir ao trabalho remoto e estabelecimentos permaneceram fechados por meses. O impacto dessa situação no Centro do Rio foi visível. Negócios centenários fecharam e ruas conhecidas pela grande movimentação de pessoas, hoje estão vazias e com diversos imóveis à deriva. Em uma pesquisa realizada pelo IFec RJ (Fecomércio de Pesquisas e Análises) durante esse período, mostrou que mais de 80% dos empresários da região tiveram uma queda de pelo menos 25% do faturamento em relação ao ano anterior<sup>2</sup>. Empresários e pedestres que transitam pela área relatam que os principais problemas do Centro são a insegurança, a falta de serviços públicos e o grande número de pessoas em situação de rua.

De fato, constatou-se que o número de pessoas em situação de rua aumentou durante a pandemia. Segundo o Censo de População em Situação de Rua 2020, realizado em outubro, o Centro é o bairro com maior concentração dessa população e muitos relatam que se encontram nessa situação devido à perda de trabalho ou moradia, como consequência da crise sanitária<sup>3</sup>. Sem dúvida, a pandemia foi uma grande catalisadora do abandono do bairro.



**FIGURA 2\_** distribuição da população em situação de rua por Área de Planejamento

FONTE: números do censo da população em situação de rua 2020

Visando melhorar o cenário em questão, o atual Prefeito da cidade, Eduardo Paes, lançou o projeto Reviver Centro<sup>4</sup>. O plano visa estimular a ocupação da área por novos usos, com o objetivo de dar um caráter misto ao bairro, mesclando o atual uso com o residencial, seja através de novas construções ou pelo retrofit de imóveis já existentes. Essa implementação do uso misto no Centro já vem sendo discutida há um tempo. No entanto, o maior empecilho é como atrair futuros inquilinos apesar do sucateamento que a região vem sofrendo.

Primeiro, é importante lembrar que o Centro, apesar das questões citadas, ainda possui muitos atrativos para um potencial morador. A rede de modais que chegam à região é notável, com metrô, ônibus, barcas, VLT e trem. A abundância de equipamentos culturais como a Biblioteca Nacional e diversos museus e teatros, quase nenhum outro bairro oferece. Na região também se encontra a maior parte das oportunidades de emprego da cidade. Além de oferecer infraestrutura urbana, como redes de água e esgoto, cabeamento e luz.

É evidente que o bairro possui infraestrutura adequada para receber novos moradores, contudo boa parte de sua identidade vem se perdendo com o tempo. Para o geógrafo Edward Relph, quando um lugar apresenta essa falta de identidade, ele não é mais qualificado como um lugar e passa a ser apenas um espaço<sup>5</sup>. O que diferencia os dois para o geógrafo é o significado construído, de forma individual ou grupal, através das experiências vividas naquele local, fato que pode gerar intenções e ações voltadas para o mesmo. Com isso, a degradação do Centro, e conseqüentemente da sua identidade, gera uma diminuição da interação das pessoas com a região, o que provoca falta de interesse no bairro.

# 2

## CONCEITUAÇÃO

É necessária a reconstrução da identidade do Centro do Rio. De acordo com John Friedmann, a construção de um lugar é um trabalho diário, e uma solução possível é reviver a ideia de vizinhança, pensando de uma forma mais humana o espaço urbano<sup>6</sup>. Para isso, três características principais devem ser levadas em consideração. A primeira é a possibilidade de o espaço ser habitado, para possibilitar que as pessoas se instalem e o vivenciem de forma mais próxima. A segunda é a questão da escala que deve ser voltada para os pedestres, proporcionando uma interação mais direta do transeunte com o local, para que o mesmo conheça o espaço mais intimamente. A última é o sentimento de apego e pertencimento que o morador desenvolve em relação ao lugar, que é subjetivo e pode ser presenciado em diferentes níveis de pessoa a pessoa.

Levando isso em consideração, Relph criou os conceitos de *insideness* e *outsideness*, interioridade e exterioridade, em livre tradução, nos quais ele expressa o nível de apego e pertencimento que uma pessoa pode possuir ou não em relação a um lugar<sup>5</sup>. Quanto mais confortável uma pessoa se encontra, maior será seu apego, sendo expresso em níveis de interioridade. Dentro desse conceito, contudo, existem diferentes graus, pois raramente os sentimentos são apenas positivos, há sempre dois lados. Com isso, quanto mais positivos forem os aspectos daquele lugar para alguém, maior será sua interioridade em relação ao mesmo. Contudo, quando os pontos negativos passam a se sobressair, trata-se de exterioridade, quando não há uma conexão com o lugar, logo há um anseio de se afastar e estar o mínimo possível no mesmo.

Trazendo esses conceitos para a realidade do Centro, a grande maioria das pessoas que transita pela região, atualmente, apresenta uma exterioridade em relação ao bairro, causando o cenário apresentado. Dessa forma, é necessário trabalhar a conexão das pessoas com o espaço para transformar essa exterioridade em interioridade. Sendo assim, trazer moradores para região facilitará o processo de integração da população com o espaço. Para isso, entretanto, é preciso

trabalhar em conjunto com o morador, escutando quais são suas reais necessidades e vontades tanto para o espaço individual de moradia quanto para o espaço público de convívio. O Grupo Usina, conhecido por seu trabalho de assessoria construtiva, relata em uma de suas publicações, que essa experiência do construir coletivo ajuda a proporcionar o vínculo entre morador e moradia<sup>7</sup>. Esta experiência gera a valorização do local no qual se habita, construindo uma sensação de pertencimento com o lugar, um reconhecimento da pessoa no espaço e uma necessidade de cuidar do mesmo. Dessa forma, seguindo a pesquisa de Relph, um espaço antes genérico, se torna um lugar repleto de significados que pode auxiliar no desenvolvimento e manutenção da identidade tanto individual quanto do local<sup>8</sup>.

Desenvolver essa interioridade da população com o bairro é uma questão complexa e com resultados que só virão a longo prazo em todo o território. Por isso, o intuito desse trabalho não é dar uma solução pronta para a problemática apontada, mas agir sobre os pontos que podem permitir essa mudança de cenário futuramente.

Dessa forma, proponho que essa intervenção seja sobre a problemática das pessoas em situação de rua do Centro do Rio.

Além de ser o grupo mais vulnerável à circunstância da pandemia, e extremamente numeroso no bairro, ele não possui perspectiva de mudança em relação à realidade na qual se encontra. Em pesquisa ao Censo de Pessoas em Situação de Rua 2020, quando perguntados sobre o que precisariam para saírem das ruas, a maior parte respondeu emprego<sup>3</sup>. Entretanto, raramente se consegue emprego sem moradia, tanto por questões burocráticas quanto sociais. Além disso, essa parcela da população é muitas vezes associada a insegurança e insalubridade do local onde se encontram por preconceito da sociedade.



FIGURA 3\_ Pessoa em situação de rua dormindo no chão

FONTE: mais goiás

# 3

## PROPOSTA TEÓRICA

A intervenção em questão se resume em um espaço voltado para pessoas em situação de rua. Esse projeto dá chance a esses indivíduos de construir estabilidade emocional e física, gerando uma verdadeira oportunidade de reinserção social e consequentemente independência financeira. Através desse processo, espera-se que cresça uma conexão com o bairro gerando apego e pertencimento, portanto um cuidado com o mesmo. Com isso, trabalhar buscando resolver a questão das pessoas em situação de rua possibilitará o início da resolução do problema de abandono do Centro. A longo prazo, se almeja que esse impacto no bairro alcance mais áreas, possibilitando uma mudança de cenário em toda a região.

Esse tipo de abordagem proposta em relação às pessoas em situação de rua, além de possibilitar uma transformação do bairro, também seria uma nova maneira de acolher e reverter a atual situação desse público. Ele baseia-se na metodologia do *Housing First*, ou habitação primeiro em livre tradução<sup>9</sup>, e segue uma linha diferente dos programas governamentais de acolhimento atualmente oferecidos no Brasil, como os centros temporários de acolhimento (CTA), que vêm se mostrando ineficientes.

## HOUSING FIRST

O *Housing First* foi criado em Nova York em 1992 e já foi implementado em diversos países como Canadá, Austrália, Finlândia e alguns integrantes da União Europeia<sup>10</sup>. A abordagem do programa se resume em fornecer uma habitação individualizada, combinada com serviços de apoio e tratamento. O programa busca contrapor o “modelo escada”, como Dr. Sam Tsemberis, o criador do *Housing First*, se refere ao modelo institucional padrão, no caso do Brasil, os CTAs. Dessa forma, visa-se dar moradia antes de oferecer qualquer tipo de tratamento e principalmente, antes de cobrar qualquer melhora perante sua situação de rua. Logo, os desabrigados poderão

ter um lugar com dignidade para estabelecer uma rotina própria para, então, se envolverem com o processo de reinserção social. Com isso, há uma maior garantia de sucesso no mesmo.

Segundo Tsemberis, esse modelo de atuação se mostrou significativamente mais eficaz e com resultados mais profundos e duradouros do que o tratamento convencional, no qual os indivíduos precisam criar uma estabilidade financeira para então ter uma moradia própria.

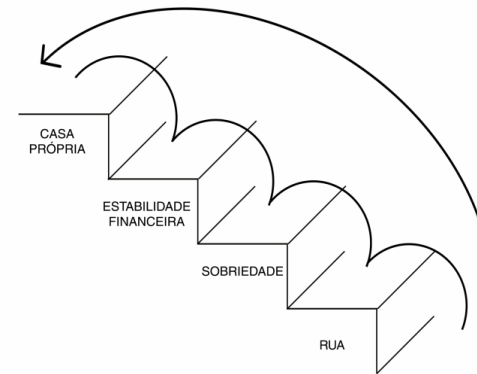


FIGURA 4\_ diagrama ilustrando “modelo escada”

FONTE: autoral, 2021



Além de ter uma eficácia comprovada, o programa também se mostrou menos dispendioso para o governo a longo prazo. Despesas com abrigos temporários, procedimentos hospitalares, clínicas de reabilitação, pessoal treinado para atender essa parcela da população e até mesmo cárcere saíram mais custosas do que prover uma casa própria para a pessoa em situação de rua e um apoio financeiro até que a mesma consiga se reinserir no mercado de trabalho<sup>11</sup>. Isso, porque uma parcela muito pequena dessas pessoas é de fato reinserida socialmente, logo, esses custos provendo direitos básicos saem mais caro do que previsto, pois se tornam habituais.

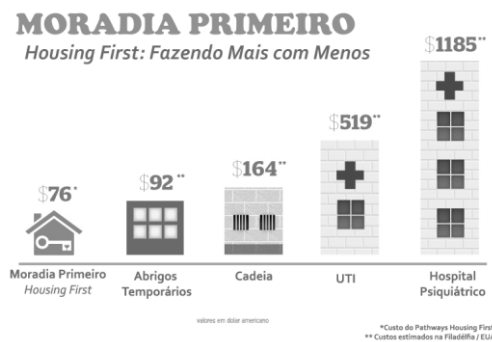


FIGURA 5\_ gráfico ilustrado dos custos de cada iniciativa voltada para a população em situação de rua

FONTE: HousingFirst PHA

No entanto, ao analisar a situação político-social dos países onde o programa já foi instaurado, percebe-se um cenário diferente do atual no Brasil. Por isso surge a dúvida se seria possível implementar esse tipo de modelo no país.

No Brasil, atualmente, algumas cidades estão desenvolvendo planos pilotos do programa. Entre elas está Curitiba, na qual o Instituto Nacional de Direitos Humanos da População de Rua – INRua, em conjunto com a Mitra da Arquidiocese de Curitiba, iniciou o Projeto Moradia Primeiro na cidade, sustentando hoje três unidades diferentes, de acordo com o plano do *Housing First*<sup>12</sup>.

Já no Rio de Janeiro, a associação sem fins lucrativos Projeto Ruas, trabalha com um plano piloto, no qual atende atualmente três pessoas, e todas continuam fora das ruas<sup>13</sup>.

Em Porto Alegre, em maio de 2018, a prefeitura realizou o lançamento do Plano Municipal de Superação da Situação de Rua (PMSSR). Em um ano de programa, o projeto já havia atendido 70 pessoas, onde mais da metade tiveram êxito no propósito de sair das ruas e quase 50% delas pararam de fazer uso de drogas, ou faz uso não problemático.

## A QUESTÃO DOS ALBERGUES

Entretanto, atualmente, o principal modelo aplicado para atendimento às pessoas em situação de rua ainda são os CTAs. Esses centros, além de seguirem o “modelo escada”, que já se mostrou não ser eficaz, apresentam diversos problemas no modo como operam no dia a dia. Em entrevista à Rádio CBN, diversas pessoas que atualmente se encontram nas ruas argumentam que por vezes preferem dormir nas ruas a passar a noite nesses abrigos<sup>14</sup>.

Entre as principais justificativas estão os horários restritos de funcionamento, a dificuldade de conseguir vaga e o tratamento desumano. Qualquer traço de individualidade é abandonado ao entrar nos abrigos, todos são chamados por números e não pelos nomes e as atividades impostas devem ser rigidamente seguidas uma vez que são controlados todo o tempo. Outra queixa recorrente é a falta de preparo dos funcionários que frequentemente cometem abusos com os acolhidos. Muitos justificam a falta de qualificação dos contratados pelo baixo investimento do governo, além do preconceito enraizado. A falta de investimento também pode ser notada pelo estado sujo e mal cuidado da maioria dos abrigos.

Um repórter da CBN passou uma noite em um albergue e relatou a rotina de quem depende desse tipo de programa para sobreviver<sup>15</sup>. Não há privacidade em momento algum, os quartos abrigam diversas beliches e dezenas de pessoas dormem juntas no mesmo ambiente, de forma que há barulho a noite toda. As luzes não são apagadas em momento algum e todos são acordados cedo, pois precisam estar fora do abrigo até um horário pré-determinado. Não são oferecidas toalhas apesar da possibilidade de banho e os lençóis são velhos e mal lavados. Contudo, segundo o repórter, a maior preocupação dos albergados não são as condições encontradas, mas a falta de políticas públicas que ofereçam independência financeira para terem condições de saírem das ruas.

Nos CTAs há uma política de alta exigência, no qual é imposto um comportamento específico em horas específicas visando um plano específico, mas muitos não conseguem se submeter a essa mudança brusca de comportamento exigida nesses locais, principalmente quando não há um acompanhamento psicológico adequado e individualizado durante o processo. Os centros de reabilitação também são vistos como opção,

mas depois de se alcançar a sobriedade, deve-se sair dos centros, e sem independência financeira, a opção de muitos é voltar às ruas e conseqüentemente às drogas, tornando um processo cíclico. Os alugueis sociais, para quem tiver mais sorte, também são uma solução, no entanto como qualquer subsídio, há uma dependência do governo e o auxílio pode ser cortado a qualquer momento, gerando uma sensação de instabilidade diária. O mesmo ocorre com apartamentos oferecidos pela prefeitura, que a qualquer hora podem ser requisitados através de uma ordem de despejo.

As ONGs que trabalham com a população de rua costumam ser mais atenciosas com essas pessoas, contudo ainda não resolvem plenamente a situação. Elas usualmente auxiliam com questões burocráticas e recursos básicos, como higiene pessoal, alimentação e vestimentas. A curto prazo costumam ser a melhor opção, no entanto ainda possuem poucas iniciativas a longo prazo.

Dessa forma, as pessoas que se encontram em situação de rua, se veem no limite da sobrevivência, tendo buscado todas as soluções que lhes são oferecidas, mas sem conseguir uma solução permanente, tendo que recorrer mais uma vez à insegurança das ruas.

*“Como suas esperanças de encontrar um trabalho sustentável estão diminuindo, eles sucumbem à enorme marginalidade de suas vidas, buscando quaisquer meios oferecidos - drogas, violência física, criminalidade, terrorismo, fúria genocida - para abafar a consciência de suas reais condições de vida.”*

John Frieddman, 2010  
Place and Place-Making in Cities: A Global  
Perspective, Planning Theory & Practice

Para completar, além de não haver meios viáveis que facilitem a saída dessas pessoas das ruas, as próprias ruas as estão expulsando silenciosamente. Bancos inclinados, estreitos e com armações de ferro, pedras pontiagudas sob viadutos e grades sob peitoris são só alguns exemplos da arquitetura denominada de hostil<sup>16</sup>. Ela pode parecer inofensiva para quem passa, mas é uma solução extremamente agressiva frente ao seu público alvo, a população de rua. Esse tipo de arquitetura busca apagar os desabrigados do campo de visão de quem passa. Contudo, o problema não é de fato resolvido, somente ocultado. Essa solução pode parecer muito atraente para quem apoia políticas higienistas, mas só enraíza a problemática das pessoas em situação de rua.

É necessário aceitar o problema para erradicá-lo, e para isso é essencial torná-lo visível. No entanto, como mostrar a urgência da problemática da população de rua sem necessariamente mantê-la em sua atual situação de precariedade?

### **O EFÊMERO CRÍTICO**

Uma solução é o uso de estruturas provisórias que exercem funções deficientes em determinado local para revitalizá-lo até que um projeto fixo possa ser consolidado, posição defendida pelo arquiteto e urbanista brasileiro Jaime Lerner<sup>17</sup>. Assim, surge a questão da arquitetura parasita como resposta à questão da população de rua. Trata-se de construções flexíveis e adaptáveis que dependem de edificações e infraestruturas já existentes para que possam ser instaladas na cidade<sup>18</sup>.

Dessa forma, a ideia é trabalhar o conceito de arquitetura parasita desenvolvendo espaços temporários para serem ocupados, dando oportunidade à população de rua se apropriar deles. Diferente dos recursos utilizados na arquitetura hostil, essa estrutura visa atrair e destacar essa população. A ideia não é romantizar a situação de rua dessas pessoas, mas entender que os métodos de

acolhimento atualmente implementados são falhos e subverter isso através do entendimento do espaço público e da própria rua como um espaço de acolhimento.

Com isso, o projeto torna visível o problema das pessoas que se encontram nas ruas, sem prejudicá-las, pelo contrário, acolhendo-as. Isso porque o objetivo da instalação em questão, além de acomodar quem necessita, é causar desconforto visual a quem passa, como se a estrutura em questão não pertencesse ao espaço no qual se encontra, como um corpo estranho em um ambiente familiar<sup>19</sup>. Contudo, esse incômodo não pode ser sobre a arquitetura em si, mas sobre o motivo de sua existência. Enquanto existirem pessoas em situação de rua, sem condições reais de mudarem esse cenário, essas instalações permanecerão como espaços nos quais elas poderão se refugiar. A arquitetura visa lembrar todos os dias uma população que é considerada invisível. Da mesma forma que aquelas estruturas aparentam não pertencer ao espaço no qual se encontram, as pessoas que necessitam delas não pertencem às ruas. Logo, onde quer que sejam instaladas, essas estruturas parasitas servirão como uma crítica que visa chamar atenção à real situação da população que se encontra ocupando aquele espaço.

## **A SOLUÇÃO ESTÁVEL**

Entende-se, entretanto, que o espaço proposto é temporário e não se qualifica como uma moradia. E, segundo o *Housing First*, um espaço de habitar próprio e individual é essencial como elemento de estabilidade no processo de reinserção social, para garantir segurança física e direitos básicos. Por isso, espera-se que a partir da visibilidade e do impacto causado pelas estruturas propostas, surjam investimentos governamentais e privados voltados para a mudança da realidade das pessoas em situação de rua. Assim será possível construir um espaço fixo de atendimento e acolhimento voltado para essa população.

Este espaço de atendimento e acolhimento poderá alojar qualquer pessoa motivada que se encontre em situação de rua. Pessoas com meses ou anos de rua, pessoas com vícios, problemas crônicos, homens, mulheres, idosos, jovens, comunidade LGBTQIA+, etc. A intenção é o público ser o mais diverso possível para que ocorra uma troca entre os moradores, de forma a reproduzir uma ideia de vizinhança, de John Friedmann, e não um lugar de internação ou aprisionamento, como ocorre no atual sistema de CTAs do país.

Dessa forma, com o objetivo de gerar estabilidade, uma vez alocados, não haverá o risco de despejo, garantindo aos residentes a posse do espaço.

## **ESTUDO DE CASO**

O Centro é uma área extensa, por isso surge a necessidade de trabalhar em pequenas zonas para que se possa ver resultado no todo. A ideia é que a estrutura parasita possa ser instalada por todo o bairro para gerar o máximo de visibilidade possível. Futuramente o mesmo ocorrerá com os centros de atendimento e acolhimento, para que existam diversos pontos de apoio para as pessoas em situação de rua pelo Centro.

Estas instalações e construções serão realizadas em partes mais intimistas no bairro do Centro, como sugere John Friedmann, para reviver a ideia de vizinhança e criar um ambiente mais favorável para a recuperação da estabilidade emocional dos desabrigados, dando assim ferramentas que auxiliem na construção de um sentimento de pertencimento local.

Como estudo de caso, foi escolhida a Praça Tiradentes. Além do seu caráter intimista, a praça também é ponto central de diversos serviços de apoio à população de rua, que serão essenciais nesse processo de reinserção. Com isso, aqueles que estiverem abrigados na região, terão acesso a esses centros de auxílio em um raio de um quilômetro. Outra razão pela qual se optou pela região é o grande número de imóveis abandonados e subutilizados. A longo prazo, os imóveis da área poderão ser recuperados como potenciais moradias, auxiliando no estabelecimento da interioridade, a que Relph faz referência <sup>5</sup>, das pessoas em situação de rua com o lugar.

Dessa forma, através de uma arquitetura efêmera e crítica visa-se alcançar uma solução estável para a atual conjuntura das pessoas em situação de rua. Permitindo assim, o início da recuperação do senso de vizinhança e pertencimento local a partir dessa população, viabilizando a mudança de cenário almejada no Centro do Rio.

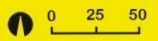
# 4

## PROJETO

A escolha das áreas a serem trabalhadas tanto com as estruturas parasitas, quanto com o centro de atendimento e acolhimento dentro da praça, foi feita a partir de um levantamento dos imóveis e terrenos subutilizados ou abandonados.



PRAÇA TIRADENTES  
\_ CENTRO RJ



IMÓVEL ABANDONADO\_ [white box]  
TERRENO SUBUTILIZADO\_ [grey box]



**CRAS**  
Centro de Referência  
de Assist. Social

**CRESS**  
Conselho Regional  
de Serviço Social

**Centro POP**  
Centro de Referência Especializado  
para população em situação de rua

**SUS**  
Sistema Único de Saúde





## O EFÊMERO CRÍTICO

A estrutura parasita tem como objetivo, além de gerar um espaço a ser ocupado pelas pessoas em situação de rua, incomodar e chamar atenção dos transeuntes locais para a situação dessa população. Por isso, ela será instalada na própria praça, que também se configura como espaço subutilizado.

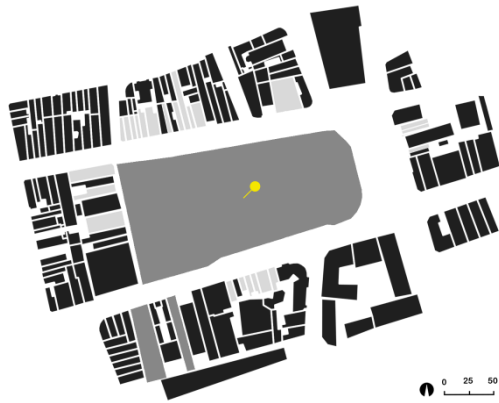


FIGURA 6\_ mapa figura e fundo com implantação da estrutura parasita

FONTE: autoral, 2021

A partir dessa escolha, surge a oportunidade de recuperar a identidade local da praça, uma vez que a mesma se encontra em estado de degradação. Jaime Lerner diz que quando um espaço está degradado, é necessário encontrar novos usos que tragam vida ao mesmo. Esses novos usos devem ser, de preferência, atividades que carecem na área, para que se tornem atrativos do lugar e possibilitem encontros entre a comunidade local. As atividades, que ocorrerão na praça, serão um ponto chave do projeto, pois além de trazer pessoas para a região, iniciando o processo de revalorização da área, servirão como rede de apoio para aqueles que estiverem ocupando as instalações parasitas. Isso, porque será um espaço no qual eles poderão expressar-se, compartilhando suas histórias e demonstrando suas habilidades, fato que ajudará a dar-lhes visibilidade e consequentemente oportunidade da comunidade os ver como pessoas além de sua situação de moradia. As atividades em questão poderão ser desde feiras livres, e de artesanato a oficinas, palestras e apresentações. A ideia é que elas ocorram próximo a essa instalação proposta.

A instalação em questão foi pensada em módulos de 3x3m, formados apenas por uma estrutura metálica que será toda desmontável, facilitando, assim, sua implementação e retirada. Sua composição simples, formada apenas por barras horizontais e verticais estruturantes, ajuda a tornar o seu uso mais fluido e facilita sua ocupação pela população. As características citadas também foram pensadas para facilitar a sua instalação em cenários diversos, uma vez que a estrutura metálica desmontável possibilita variadas conformações, se adaptando ao ambiente no qual estará inserida.

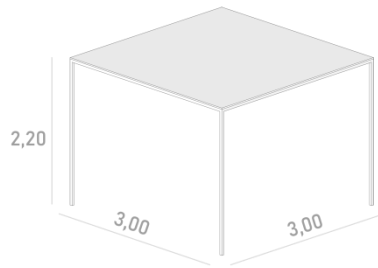
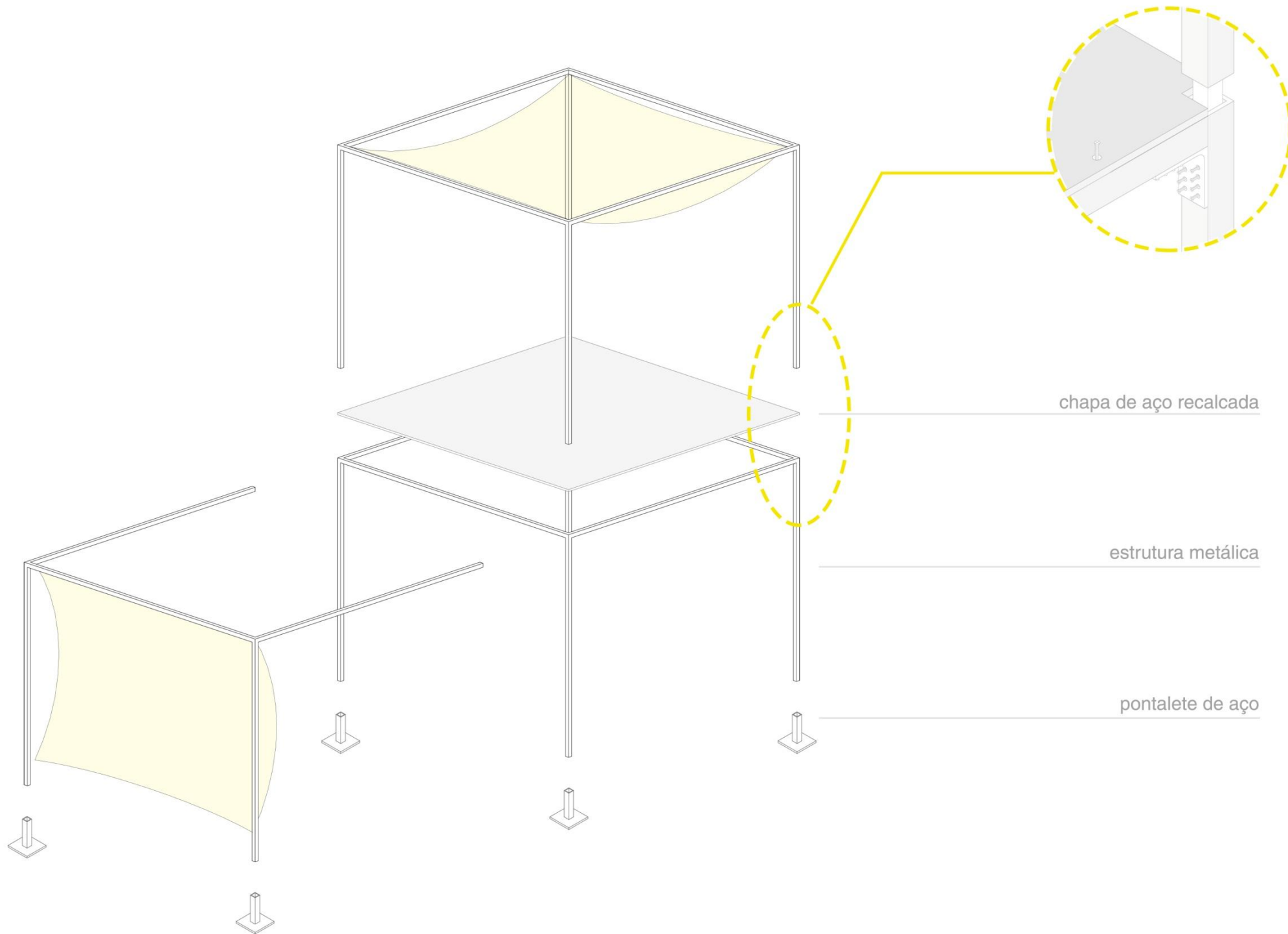


FIGURA 7\_ módulo da estrutura com respectivas medidas

FONTE: autoral, 2021

Para contrabalancear com a rigidez da estrutura metálica e torná-la mais convidativa foram pensados fechamentos fluidos de tecido para dar uma maior leveza. Esses fechamentos, apesar de não gerarem um bloqueio visual, ajudam a criar divisões internas sutis, tornando o espaço mais acolhedor. Além disso, flertam com a ideia de que novas divisórias podem ser colocadas e novos ambientes podem ser formados dentro dessa mesma estrutura. A instalação parasita, dessa forma, estará em constante mudança. Com isso, continuará chamando atenção do transeunte, mesmo com passar do tempo, pois sempre terá algo novo para ser visto.



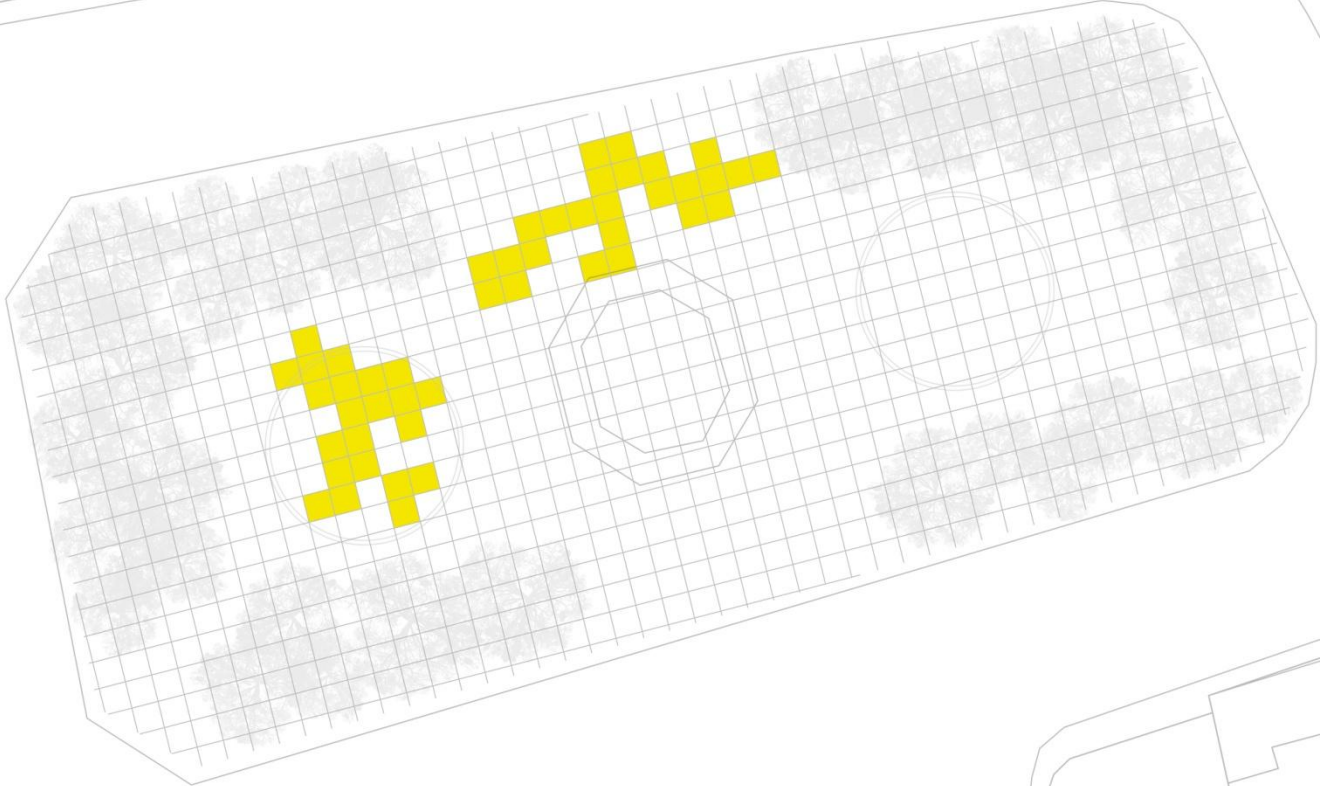
Seguindo o pensamento de evidenciar essa estrutura, sua implantação foi pensada para que a praça fosse ocupada o máximo possível, mas sem causar um mal estar a ponto da mesma ser evitada. Para isso, foi usada uma modulação de 3x3m a partir da qual se implantou essa instalação parasita. Ela ocupa uma parcela da praça com menor fluxo viário, fato que possibilita um maior conforto para quem a ocupa. Apesar de distante do fluxo intenso de quem transita pela área, seus diferentes níveis, que somam pouco mais de seis metros, ainda causam um destaque.

Como um atrativo, foi proposto, em meio à instalação, um chafariz e árvores frutíferas. Assim, é possível criar um ambiente que ao mesmo tempo pode beneficiar as pessoas em situação de rua e incentivá-las a de fato ocupar aquele espaço, e pode, também, se tornar uma área de lazer para a comunidade local, aproximando essas duas realidades.

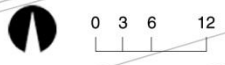
Finalmente, foi pensado um elemento arquitetônico, uma conexão, uma passarela. Essa passarela se sobressai, pela sua forma fluida e leve, sobre a rígida estrutura metálica. Como um fio condutor, ela direciona e destaca o caminho de um espaço efêmero para uma solução estável. Sua forma sinuosa sugere a complexidade desse caminho a ser percorrido. A passarela liga duas construções abandonadas que se apresentam como potenciais terrenos para abrigar a solução estável. Nesse caminho entre os imóveis, ela passa pela estrutura parasita, enfatizando que essas estruturas não se qualificam como uma resposta final, mas apenas um meio para o fim desejado.



0 3 6 12



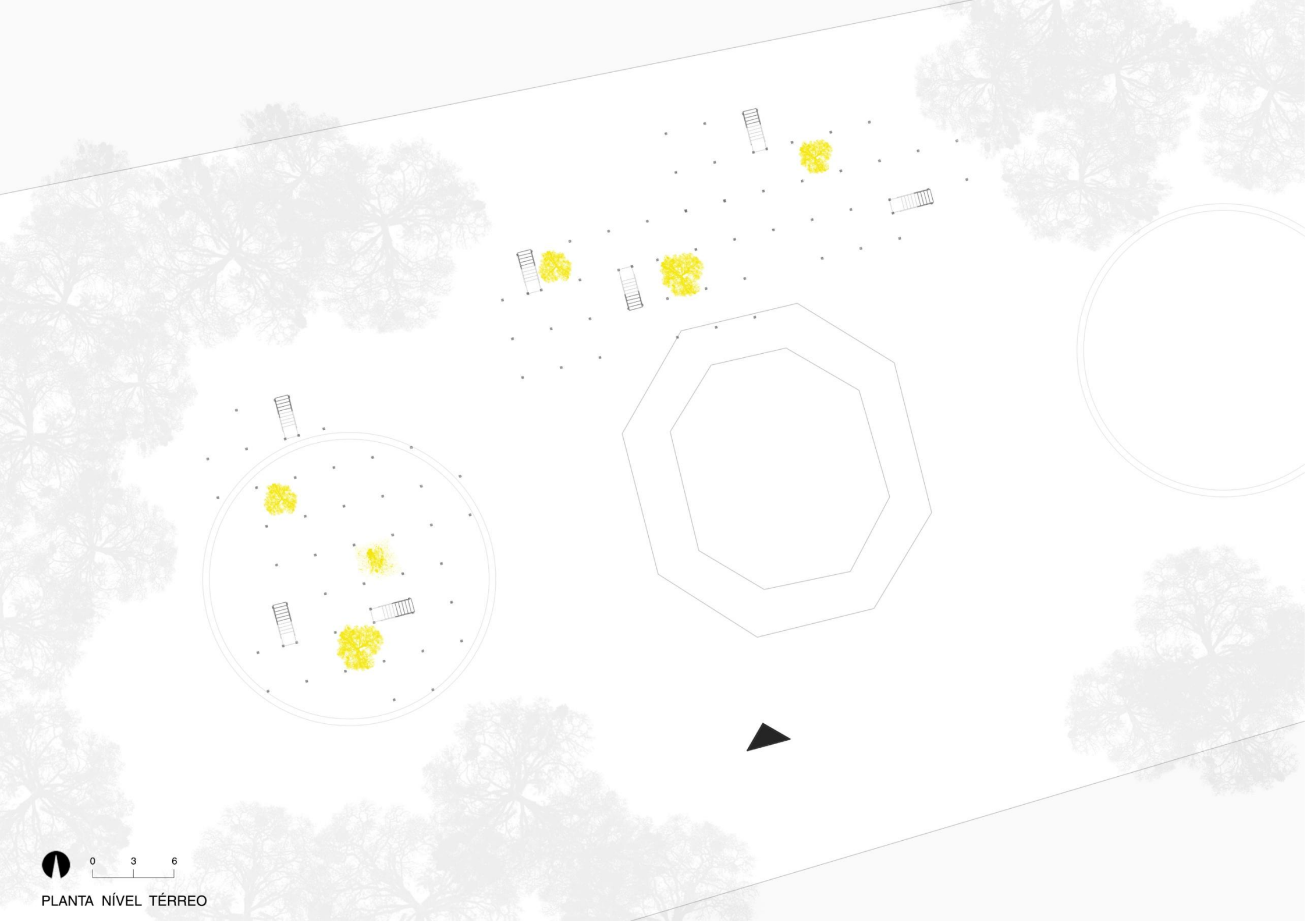






0 3 6 12

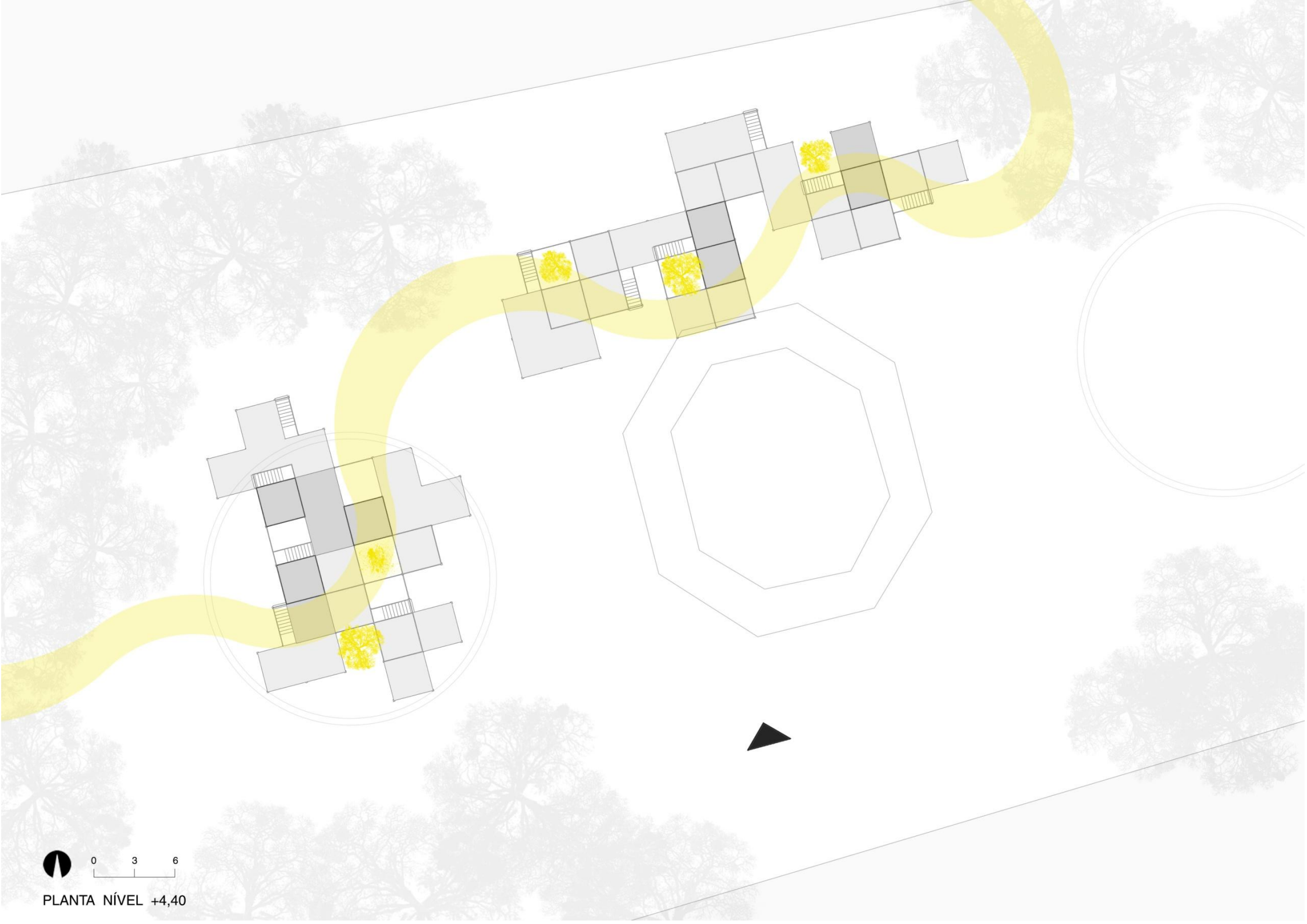




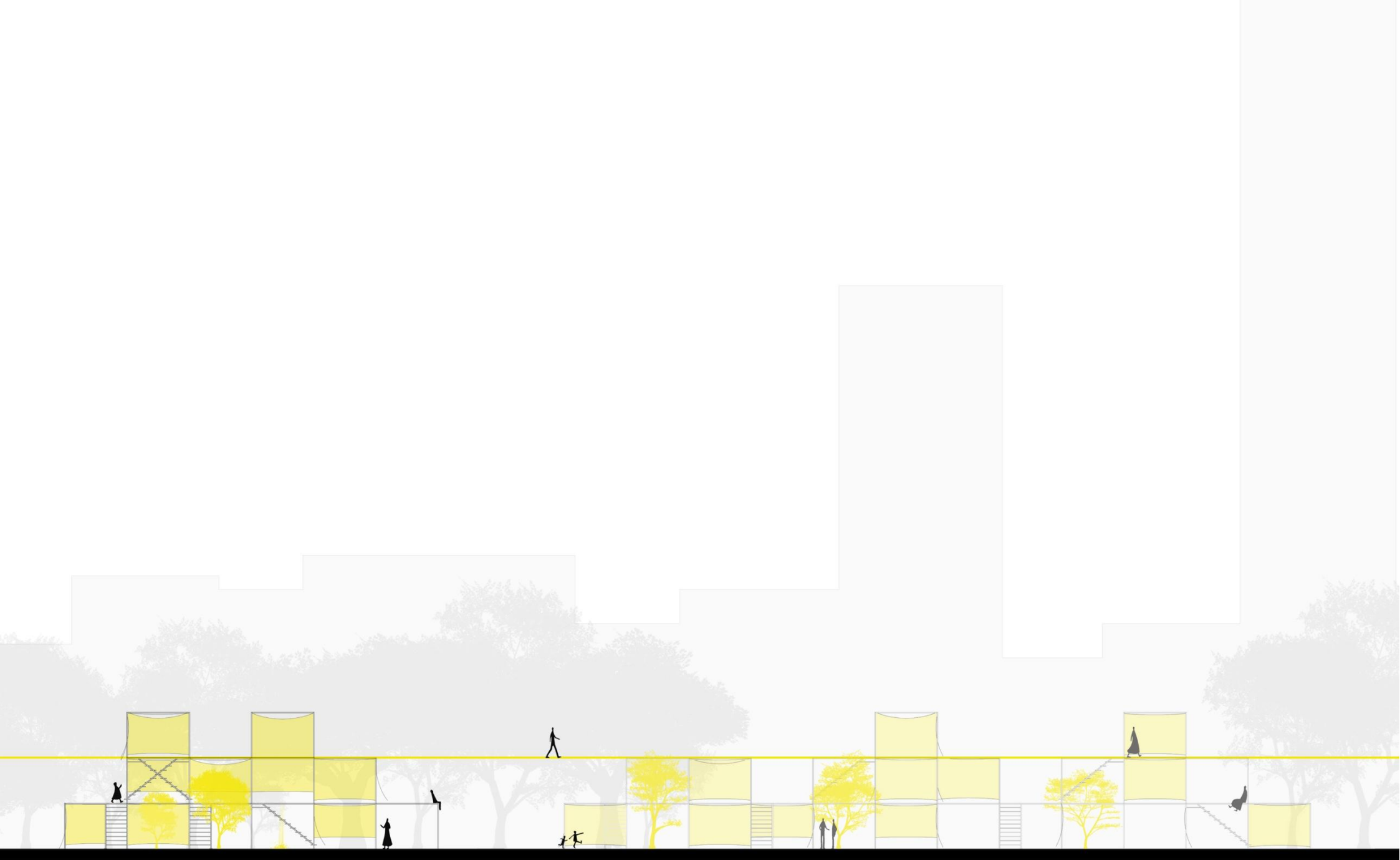
PLANTA NÍVEL TÉRREO



PLANTA NÍVEL +2,20



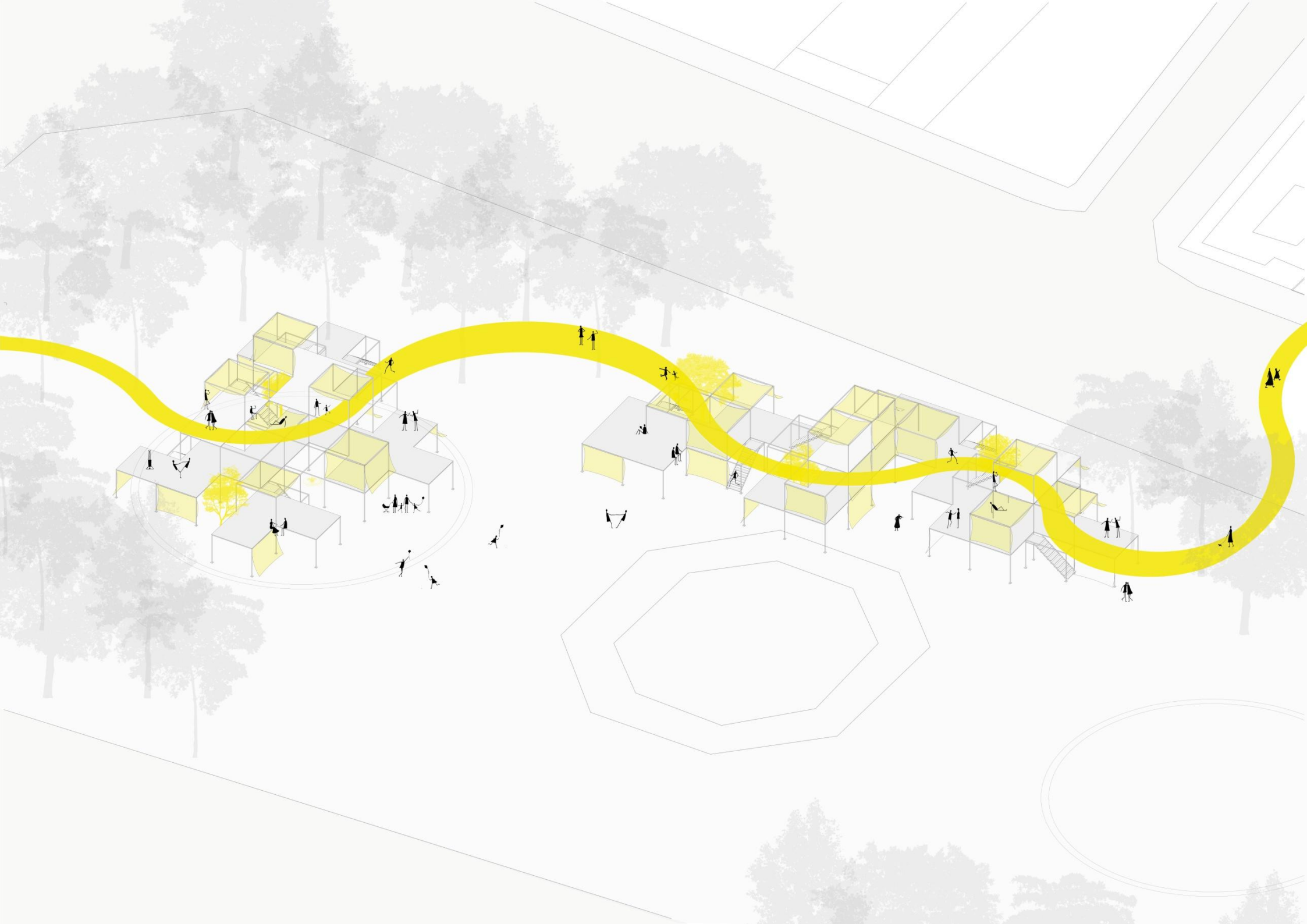
PLANTA NÍVEL +4,40



0 1,5 3

ELEVAÇÃO





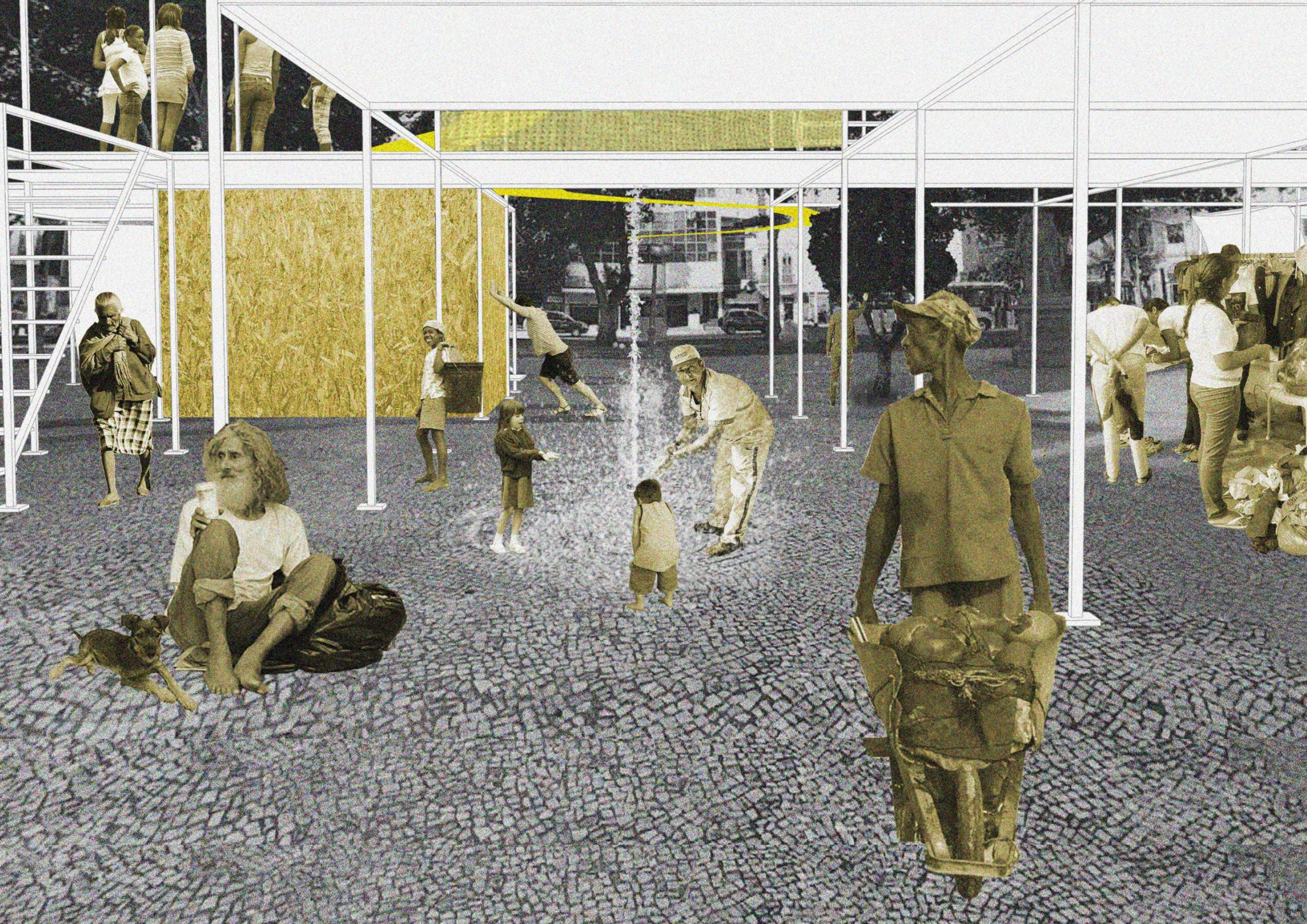














## A SOLUÇÃO ESTÁVEL

O centro de atendimento e acolhimento foi pensado para atuar com metodologia contrária à dos albergues atualmente utilizada. O principal objetivo é abrigar as pessoas e dar a elas um espaço onde possam de fato morar, além de ser um local de apoio do qual possam recorrer quando necessitarem. Com isso, o conforto do morador e usuário do espaço é considerado importante, de forma a respeitar a individualidade e intimidade de cada um e evitar a superlotação. A intenção desse projeto não é que ele seja o único, mas que sua proposta possa ser adaptada e replicada em todo o contexto do bairro, inclusive na própria Praça Tiradentes, com as devidas modificações e melhorias de acordo com o uso e necessidade de quem for usufruir do mesmo.

A escolha do terreno para abrigar o centro de atendimento e acolhimento foi feita entre os imóveis abandonados que se conectam à estrutura parasita pela passarela. A construção no terreno escolhido se resume à fachada, que será preservada.



**FIGURA 8\_** mapa figura e fundo com implantação do centro de atendimento e acolhimento

FONTE: autoral, 2021

O projeto arquitetônico trata de uma habitação voltada para o acolhimento e reinserção social de pessoas em situação de rua. Dessa forma, o projeto não abrange somente o espaço de morar, mas também uma área de apoio físico, psicológico e burocrático. Além disso, sua localização é central, próxima a vários auxílios locais (centro POP, ONGs e SUS) que atendem esta parcela da população.

Diferente das moradias, o espaço de apoio servirá não apenas para os moradores, mas também para qualquer um de fora que necessitá-lo. Para facilitar o acesso, ele estará localizado na parcela frontal do terreno, reaproveitando a fachada existente. Acompanhando a divisão da fachada, a área de apoio será distribuída em três pavimentos, cada um deles servindo para uma área de atendimento diferente. A ideia é trabalhar essas áreas de acordo com sua prioridade, dessa forma o apoio mais básico estaria no primeiro pavimento, para ser de mais fácil acesso e assim por diante. Dessa forma, as áreas de apoio serão: físico, psicológico e burocrático, respectivamente.

As habitações ocuparão a área remanescente do terreno. Pretende-se criar o maior número de habitações possível, atendendo aos moradores confortavelmente e visando acessibilidade. Outra questão que estará presente é a construção da ideia de afeto e cuidado, ideia defendida pela renomada psiquiatra brasileira, Nise da Silveira<sup>20</sup>. Através da introdução de espaços com hortas e ambientes que também possam atender a animais, imagina-se que os moradores com o tempo se sentirão mais acolhidos.

Não haverá, no entanto, uma livre circulação entre os espaços de apoio e habitação. Segundo Larissa Montel, gestora executiva do Projeto Ruas, manter contato com pessoas que ainda se encontram em situação de rua pode beneficiar muitos que já entraram no processo de reinserção, entretanto, pode ser um gatilho para outros<sup>21</sup>. Por isso, os moradores poderão ter total acesso à parte de apoio, mas quem vem de fora não poderá acessar as moradias. Esse encontro tem que ser uma escolha individual, priorizando o processo dos abrigados.

Como estratégia de projeto, deu-se preferência, em um primeiro momento, para pensar as habitações, concomitante com suas possíveis implantações. O objetivo desse processo é a arquitetura se adequar à habitação e não o contrário. Com isso, é possível criar espaços de habitar visando o conforto do morador e, a partir de então, gerar espaços de interação, circulação e contemplação de forma a valorizar o ato de habitar. Ainda assim, levou-se em consideração os fatores externos e as características do terreno escolhido.

Por conta da altura dos edifícios vizinhos, foi necessário focar em soluções de circulação de ar e iluminação na moradia. Dessa forma, buscou-se que todos os espaços dentro da habitação tivessem algum tipo de abertura, possibilitando assim, uma circulação cruzada. No entanto, houve um cuidado especial com a implantação dessas moradias, de forma que seu acesso não seja confrontante com as aberturas propostas.

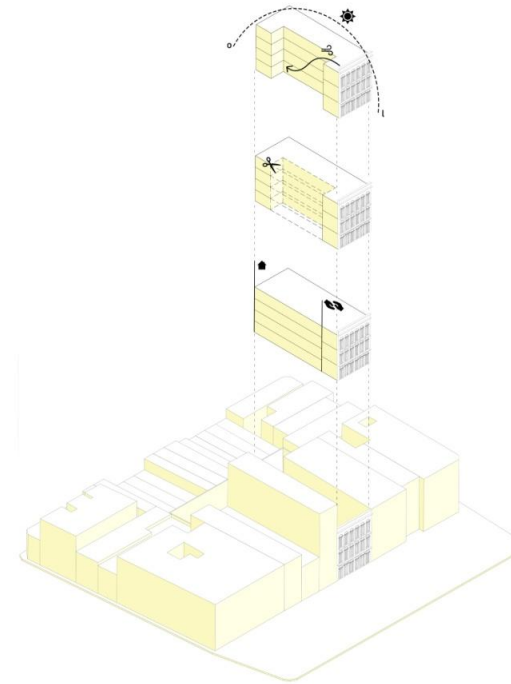


FIGURA 9\_ diagrama de implantação + evolução da forma

FONTE: autoral, 2021

A implantação foi pensada em uma modulação de 4X3m, gerada a partir das dimensões do terreno. As habitações ocupam dois desses módulos, totalizando uma área de 4X6m. Dentro desses 24m<sup>2</sup>, optou-se por trabalhar um conceito mais aberto possível, visando o melhor aproveitamento do espaço. Para isso, foram pensados quatro setores de uso dentro dessa planta com diversos espaços multifuncionais.

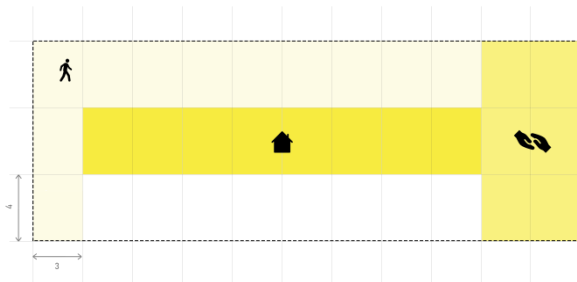


FIGURA 10\_ diagrama de setorização da implantação

FONTE: autoral, 2021

O primeiro se encontra logo na entrada, e pode ser considerado um espaço de chegada/saída ou de banho/limpeza pessoal. Trata-se basicamente de um espaço de armário, um banheiro e um hall que os separam. Em um cenário de espaço de chegada/saída, o morador chega ao hall, guarda seus pertences no armário, pega uma muda de roupa e vai para o banheiro se higienizar. No caso do cenário de banho/limpeza pessoal, se resumiria ao uso do banheiro e armário. Este, por sua vez, foi pensado para acomodar um carrinho, mochila, ou qualquer item que a pessoa em situação de rua tenha consigo ao entrar na habitação. Interpreta-se que se sentir parte daquele espaço é um processo e que nem sempre, ou raramente, haverá um desapego imediato de hábitos rotineiros no passado.

O setor dois trata de um espaço de alimentação, equipado com uma cozinha completa, uma área de circulação para sua utilização e uma mesa para as refeições. Essa mesma mesa, se estende para o espaço de estar, que se configura, basicamente, como uma sala. Esta se encontra embaixo do último

setor da casa, o quarto. O seu acesso se dá por meio de uma escada que também pode ser utilizada como nicho de armazenamento. Por ser mais alta em relação aos demais setores, a área do quarto confere um ambiente mais intimista e privativo. Cada habitação pode comportar confortavelmente até duas pessoas e animais domésticos são bem-vindos.

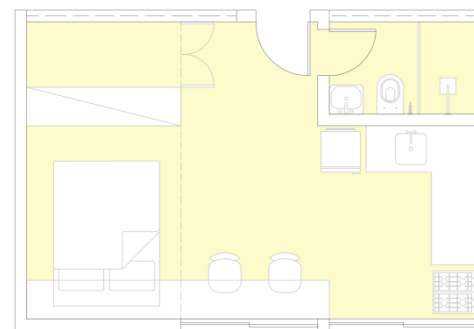


FIGURA 12\_ planta esquemática da habitação

FONTE: autoral, 2021



FIGURA 11\_ diagramas de setorização da planta de habitação

FONTE: autoral, 2021

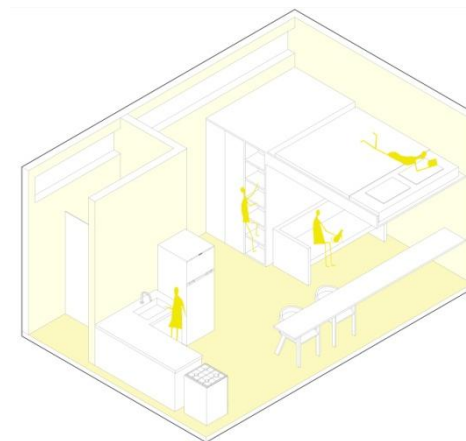


FIGURA 13\_ isométrica da habitação

FONTE: autoral, 2021

No terreno, foi possível implantar quatro habitações por pavimento, considerando que são três pavimentos tipo e um térreo, totalizando doze habitações, que podem abrigar até 24 pessoas. O acesso aos pavimentos pode ser realizado por meio de uma rampa ou uma escada. Ao utilizar escada, o morador tem acesso à horta vertical comunitária, que além de tornar a subida mais agradável e interessante, também cria uma entrada impactante, uma vez que esse paredão verde é a primeira visão de quem chega. Ademais, a horta possibilita a ideia de cuidado e a construção de comunidade, entre os moradores, devido ao seu uso público.

Além da horta, o térreo abriga outros dois espaços comunitários, a lavanderia e a oficina, além de uma grande área livre que abre a possibilidade para novos usos do espaço. Todos esses espaços foram pensados para complementar o programa das moradias. A lavanderia, como o próprio nome sugere, é voltada a limpeza das roupas. Já a oficina busca proporcionar um ambiente de trabalho para os moradores, com armários para armazenar seus equipamentos e materiais e mesas para servir de apoio, é esperado que as

mais diversas atividades sejam desempenhadas, como costura, carpintaria, consertos diversos, entre muitas outras. Através da oficina, propõe-se o acesso dos moradores a diferentes formas de ocupações que podem ser remuneradas.

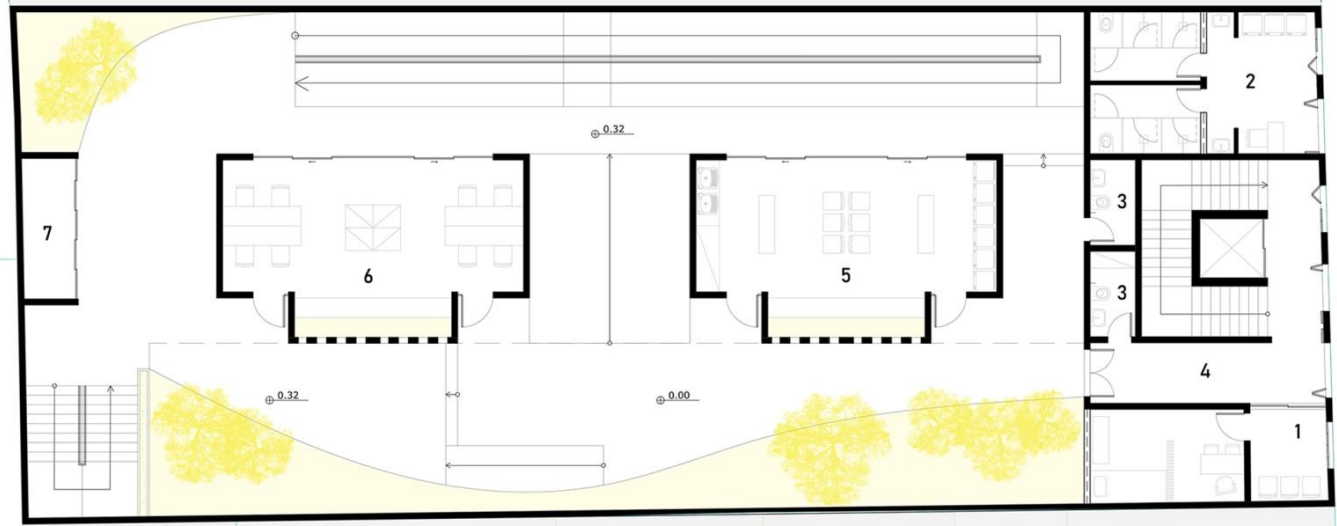
Já na parte do terreno voltada para apoio, o térreo se qualifica como área de apoio físico. Como citado anteriormente, essa parte é completamente independente da área de moradia. A única área que tem uma relação, mesmo que mínima, é a enfermaria, que se encontra no corredor de acesso à parte de habitação. Interpreta-se que a enfermaria, pode ser requisitada de forma urgente por parte dos moradores, por isso, seu acesso deve ser facilitado. Além da enfermaria, esse pavimento também engloba banheiro e lavanderia públicos, para pessoas que ainda estão em situação de rua.

No segundo pavimento, o atendimento é voltado para o apoio psicológico. Dessa forma, foram pensadas duas salas multiuso. Nelas podem acontecer palestras, oficinas de música e arte, acompanhamentos profissionais, reuniões de dependentes que buscam uma vida

livre de drogas, ou qualquer outra atividade. Para isso, são disponibilizadas mesas e cadeiras que podem ser organizadas da forma que melhor for atender às atividades. Foi pensado também, um espaço de armazenamento para itens extras que complementem as atividades em questão.

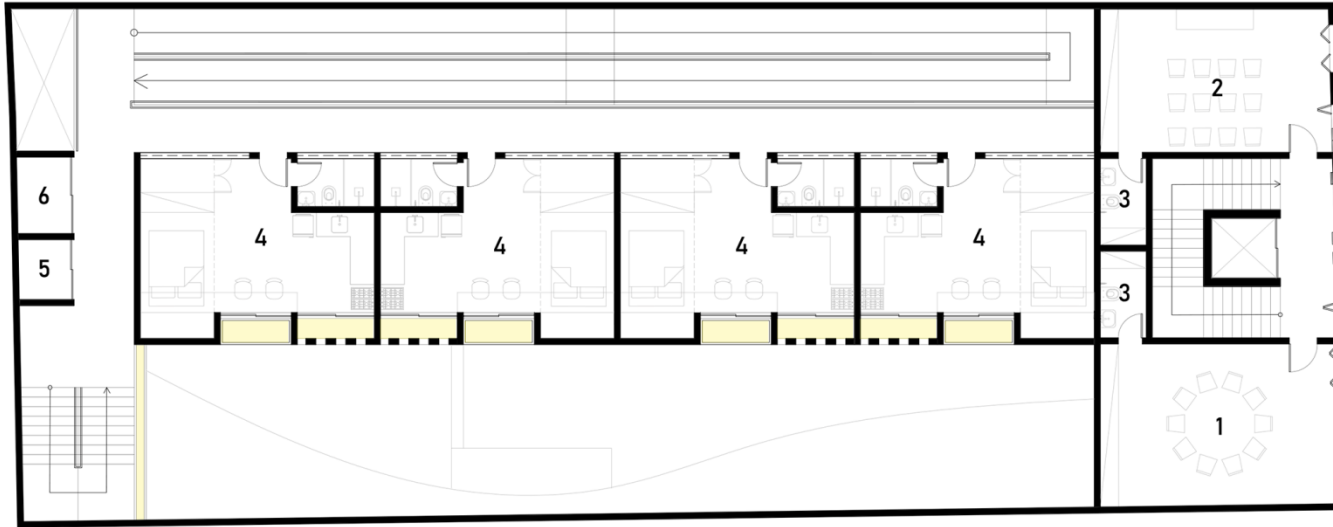
O terceiro andar é voltado para apoio burocrático, podendo ser na recuperação ou regularização de documentos, como identidade CPF, ou na reinserção no mercado de trabalho, como elaboração de currículos. Para possibilitar essas atividades, foi pensada uma área de atendimento padrão, um depósito e um espaço complementar para atender os funcionários da área.

A partir das instalações propostas, almeja-se oferecer suporte para as pessoas em situação de rua terem sucesso em seu processo de reinserção social, dando a elas os instrumentos para reestabelecer controle do seu futuro.



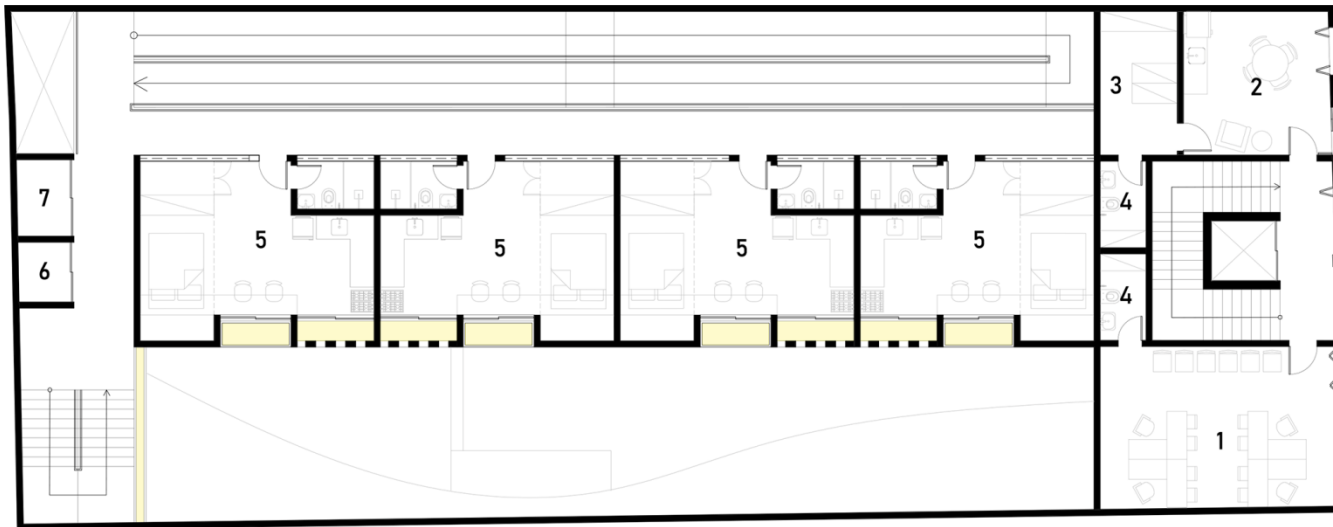
- 1 ENFERMARIA - 14.15m<sup>2</sup>
- 2 BANHEIRO PÚBLICO - 20.70m<sup>2</sup>
- 3 LAVABO - 2.35m<sup>2</sup>
- 4 HALL DE ENTRADA - 9.15m<sup>2</sup>
- 5 LAVANDERIA - 28.00m<sup>2</sup>
- 6 OFICINA - 28.00m<sup>2</sup>
- 7 DTL - 4.90m<sup>2</sup>





- 1 SALA MULTIUSO 1 - 24.20m<sup>2</sup>
- 2 SALA MULTIUSO 2 - 20.65m<sup>2</sup>
- 3 LAVABO - 2.35m<sup>2</sup>
- 4 HABITAÇÃO - 22.50m<sup>2</sup>
- 5 CCP - 1.85m<sup>2</sup>
- 6 DEPÓSITO - 2.60m<sup>2</sup>

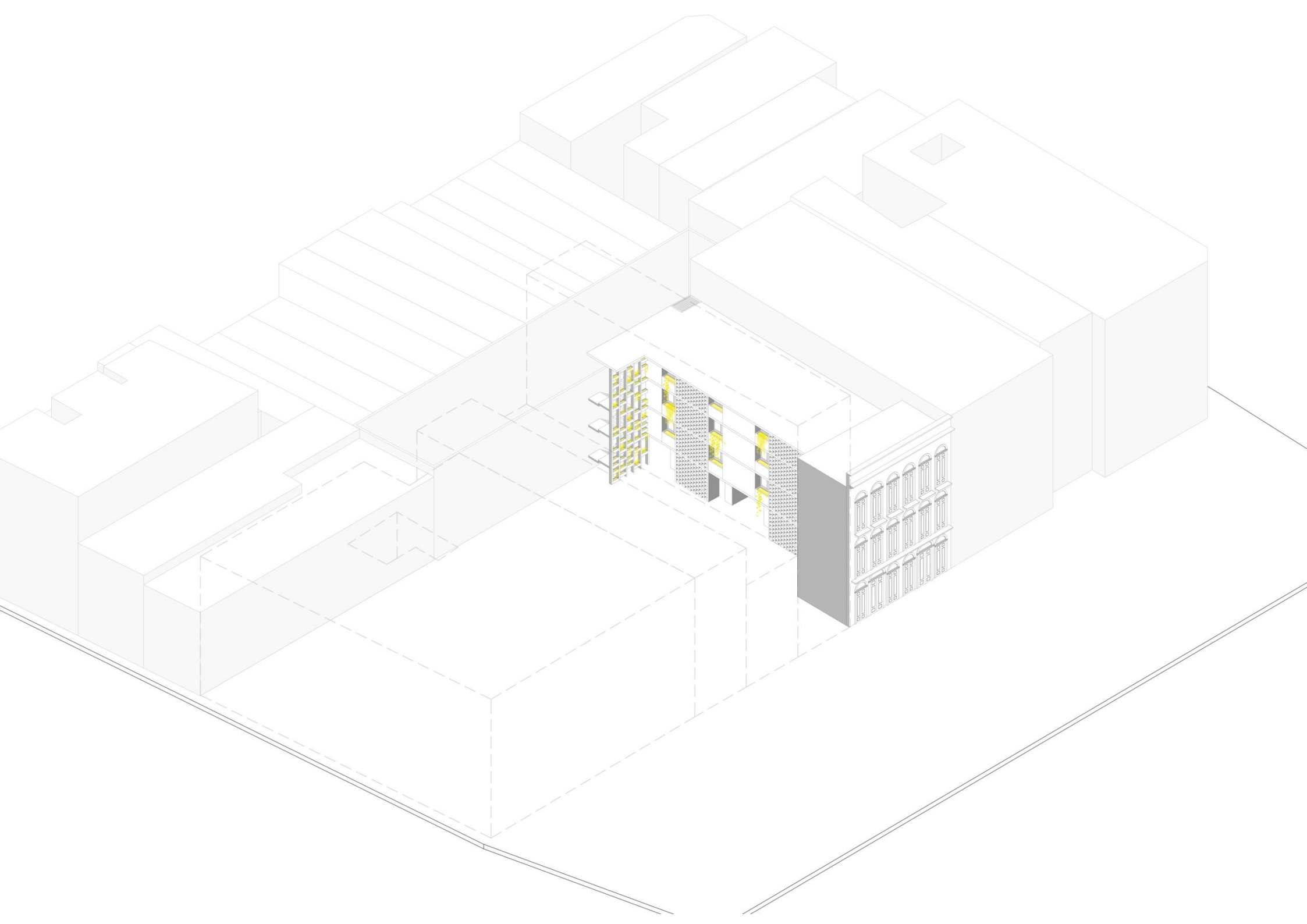
PLANTA BAIXA 1º PAVIMENTO

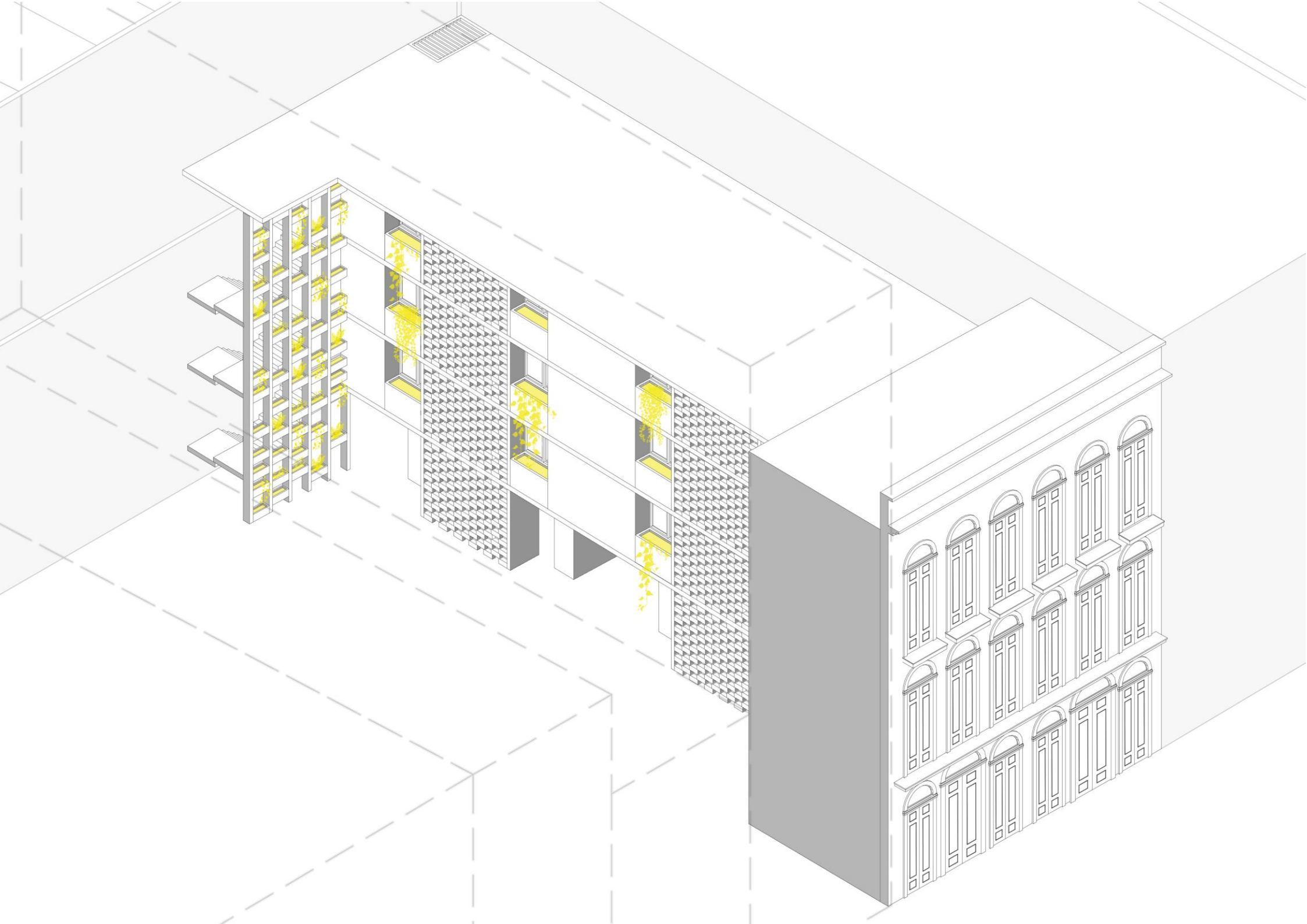


- 1 APOIO BUROCRÁTICO - 24.20m<sup>2</sup>
- 2 SALA DE FUNCIONÁRIOS - 13.20m<sup>2</sup>
- 3 DEPÓSITO - 6.95m<sup>2</sup>
- 4 LAVABO - 2.35m<sup>2</sup>
- 5 HABITAÇÃO - 22.50m<sup>2</sup>
- 6 CCP - 1.85m<sup>2</sup>
- 7 DEPÓSITO - 2.60m<sup>2</sup>

PLANTA BAIXA 2º PAVIMENTO







# 5

## CONCLUSÃO

Finalmente, o objetivo desse trabalho foi apresentar a questão das pessoas em situação de rua como ponto chave para a revitalização do centro, que teve sua degradação catalisada pelo contexto pandêmico. Mostrou-se essencial entender a questão do pertencimento a ser desenvolvida entre a comunidade e o bairro. Aplicando esse conceito com a população de rua, usou-se a metodologia do *Housing First*, com finalidade de dar um lar para essas pessoas sem nenhuma condição imposta como retorno. Com isso, é mais propício a construção de uma estabilidade emocional e física, facilitando assim sua reinserção social e criação de vínculo com o bairro. Contudo, para essa metodologia ser de fato eficiente é necessário entender e aceitar a existência de um problema. Então, foram propostas estruturas efêmeras com caráter crítico que buscam dar visibilidade ao problema das pessoas em situação de rua. Por fim, essa estrutura funcionaria como uma ponte para acolher os desabrigados e seria o ponto de partida para melhorar o cenário do Centro do Rio de Janeiro.

# 6

BIBLIOGRAFIA

1

ALVES, Altair. Centro do Rio tem quase metade dos imóveis comerciais vazios. **Diário do Rio**, 12 fev. 2021. Disponível em: < <https://diariodorio.com/centro-do-rio-tem-quase-metade-dos-imoveis-comerciais-vazios/>>. Acesso em: 31 mar. 2021.

2

MENEZES, Bruno. Centro, coração financeiro do Rio, agoniza em meio à pandemia de Covid-19. **Metrópoles**, 11 fev. 2021. Disponível em: <<https://diariodorio.com/centro-do-rio-tem-quase-metade-dos-imoveis-comerciais-vazios/>>. Acesso em: 31 mar. 2021.

3

Prefeitura do Município do Rio de Janeiro – DATARIO. **População em situação de rua: censo 2020**. Rio de Janeiro, 2020.

4

MAGALHÃES, Luiz Ernesto. Prefeitura do Rio vai criar incentivos para revitalizar o Centro da cidade. **Jornal Extra**, 13 abr. 2021. Disponível em: <<https://diariodorio.com/centro-do-rio-tem-quase-metade-dos-imoveis-comerciais-vazios/>>. Acesso em: 7 abr. 2021.

5

SEAMON, David; SOWERS, Jacob. Place and Placelessness, Edward Relph. **Key texts in human geography**, p. 43-51, 2008.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.

6

FRIEDMANN, John. Place and place-making in cities: A global perspective. **Planning Theory & Practice**, v. 11, n. 2, p. 149-165, 2010.

7

VILAÇA, I; CONSTANTE, P. **Usina: entre o projeto e o canteiro**. São Paulo: Edições Aurora, 2015.

8

Najafi, M., & Shariff, M. K. B. M. (2011). The concept of place and sense of place in architectural studies. **International Journal of Human and Social Sciences**, 6(3), 187-193.

9

Tsemberis, Sam J. **Housing first: the pathways model to end homelessness for people with mental health and substance use disorders**. Minnesota: Dartmouth PRC, 2010.

10

**PROJETO RUAS**, 2019. Página inicial. Disponível em: <<https://www.projeturuas.org.br>>. Acesso em: 9 abr. 2021.

**Y FOUNDATION**, 2021. Página inicial. Disponível em: <<https://ysaatio.fi/en/y-foundation>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

11

TSEMBERIS, Sam J. Housing First: Sam Tsemberis at TEDxMosesBrownSchool. **YouTube**, 4 maio 2012. Disponível em: <<https://diariodorio.com/centro-do-rio-tem-quase-metade-dos-imoveis-comerciais-vazios/>>. Acesso em: 8 abr. 2021.

12

Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **É possível Housing First no Brasil?: experiências de moradia para população em situação de rua na Europa e no Brasil**. Brasília: MMFDH, 2019.

13

Projeto Ruas. **Relatório Anual 2018**. Rio de Janeiro, 2018.

14

FREITAS, Débora. Sobre viver nas ruas ep2. **CBN**, 12 fev. 2019. Disponível em: <<https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/245227/dez-anos-depois-politica-nacional-para-populacao-e.htm/>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

FREITAS, Débora. Sobre viver nas ruas ep3. **CBN**, 13 fev. 2019. Disponível em: <<https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/245449/moradia-e-apontada-como-primeiro-passo-para-devolv.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

Sobre viver nas ruas. **CBN**, 14 fev. 2019. Disponível em: <<https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/245449/moradia-e-apontada-como-primeiro-passo-para-devolv.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

15

Em busca de acolhida. **CBN**, 19 jul. 2019. Disponível em: <<https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/268042/2-em-busca-de-acolhida.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

16

ANDREOU, Alex. Anti-homeless spikes: 'Sleeping rough opened my eyes to the city's barbed cruelty'. **the Guardian**, 18 fev. 2015. Disponível em: <[https://www.theguardian.com/society/2015/feb/18/defensive-architecture-keeps-poverty-undeen-and-makes-us-more-hostile?CMP=fb\\_gu&utm\\_medium=website&utm\\_source=archdaily.com.br](https://www.theguardian.com/society/2015/feb/18/defensive-architecture-keeps-poverty-undeen-and-makes-us-more-hostile?CMP=fb_gu&utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br)>. Acesso em: 13 jul. 2021.

17

LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

18

HENRIQUE TELES, Paulo A. **Um novo paradigma de cidade?** Lisboa. FA Lisboa, 2018

19

O que é a arquitetura parasita. E como ela ganha espaço em cidades. **CAU/PA**, 6 set. 2017. Disponível em: <<https://www.caupa.gov.br/o-que-e-a-arquitetura-parasita-e-como-ela-ganha-espaco-em-cidades/>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

20

CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A. Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira. **Interface – Comunic., Saúde, Educ.**, v. 11, n. 22, p. 365-376, 2007.

21

MONTEL, Larissa. **[Housing First no Projeto Ruas]**. WhatsApp. 5 maio 2021, 20:59. Áudio de WhatsApp.

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

2021



# RESPOSTA AO CENTRO PÓS-PANDÊMICO

---

construção de pertencimento com pessoas em situação de rua

R7

## Com pandemia, centro do Rio vive clima de insegurança e violência

No local, ruas estão vazias e estabelecimentos foram fechados

BALANÇO GERAL RJ  
19/02/2021 - 15h50

terra

## Decadência do centro do Rio fica maior na pandemia

Avanço do coronavírus amplifica problemas na região e leva ao fechamento de icônicos comércios

Marcio Dolzan

11 JAN 2021 19h01

CNN  
BRASIL

## Pandemia afetou 82,8% dos comerciantes do centro do Rio de Janeiro

Segundo a pesquisa feita pelo IFec-RJ, 57,4% dos empresários disseram que "piorou muito" e 25,4% informaram que "piorou" a demanda por produtos ou serviços

Paula Martini e Iuri Corsini, da CNN, no Rio de Janeiro  
14 de janeiro de 2021 às 07:38 | Atualizado 14 de janeiro de 2021 às 12:58

ODIA

RIO DE JANEIRO

## Centro do Rio é o retrato do abandono

No Centro do Rio, ruas antes movimentadas, como Ouvidor e Sete de Setembro, convivem com lojas tradicionais fechadas e população em situação de rua crescente

POR YURI EIRAS  
Publicado 26/10/2020 07:00 | Atualizado 27/10/2020 12:11

G1

## Pandemia fecha 30% das lojas no Centro do Rio, diz sindicato lojista

O Clube de Diretores Lojistas afirma que, durante os nove meses em que esteve aberto em 2020, o ramo que inclui lojas de roupas e sapatos vendeu 6,9% a menos que no ano anterior. Já no setor de móveis e eletrodomésticos, a queda foi de 9,2%.

Por Guilherme Peixoto e Edvaldo Santos, RJ1  
07/01/2021 13h49 - Atualizado há 3 meses



S

U

J

S



WAP

SOVIET



AM MOMENTO DA LUNDIA?

PS10



DV.T. 07

ALUGA-DE 99396-7800 - 9999-7800

65

65



1800

W







S  
U  
SOVIET

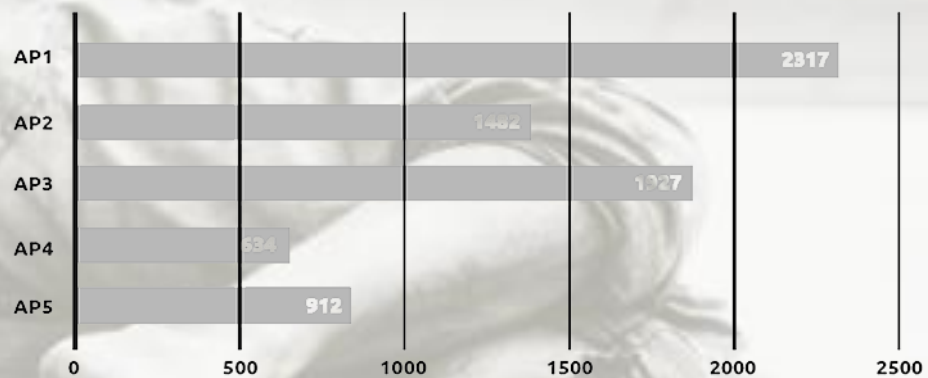
ALUGA-SE 99396-7800







### Distribuição da população em situação de rua por Área de Planejamento





PESSOAS EM  
SITUAÇÃO DE RUA





PESSOAS EM  
SITUAÇÃO DE RUA







PESSOAS EM  
SITUAÇÃO DE RUA



POLÍTICA DE ALTA EXIGÊNCIA



PESSOAS EM  
SITUAÇÃO DE RUA



POLÍTICA DE ALTA EXIGÊNCIA

FALTA DE INDIVIDUALIDADE  
NO ACOLHIMENTO



PESSOAS EM  
SITUAÇÃO DE RUA



POLÍTICA DE ALTA EXIGÊNCIA

FALTA DE INDIVIDUALIDADE  
NO ACOLHIMENTO

EQUIPE DESPREPARADA



PESSOAS EM  
SITUAÇÃO DE RUA



POLÍTICA DE ALTA EXIGÊNCIA

FALTA DE INDIVIDUALIDADE  
NO ACOLHIMENTO

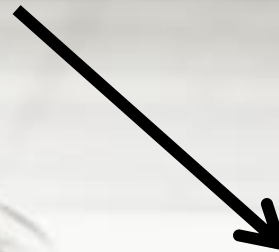
EQUIPE DESPREPARADA

FALTA DE ACOMPANHAMENTO  
ADEQUADO





PESSOAS EM  
SITUAÇÃO DE RUA




POLÍTICA DE ALTA EXIGÊNCIA

FALTA DE INDIVIDUALIDADE  
NO ACOLHIMENTO

EQUIPE DESPREPARADA

FALTA DE ACOMPANHAMENTO  
ADEQUADO



A black and white photograph of a person lying on a sidewalk. The person is wearing light-colored clothing and is positioned on their side. Their belongings, including a bag and some shoes, are scattered around them. The background shows a blurred urban setting with a building and a window. The overall tone is somber and highlights a social issue.

**É NECESSÁRIO TORNAR O PROBLEMA VISÍVEL  
PARA ENTÃO ERRADICÁ-LO**

A grayscale photograph of a person lying on their side on a tiled floor. The person is wearing a light-colored long-sleeved shirt and shorts. Their feet are visible, and they appear to be barefoot. A dark bag and a pair of shoes are scattered on the floor near the person. The background is out of focus, showing what appears to be a doorway or a window. A yellow horizontal bar is overlaid on the image, containing the text "É NECESSÁRIO TORNAR O PROBLEMA VISÍVEL".

**É NECESSÁRIO TORNAR O PROBLEMA VISÍVEL**

**PARA ENTÃO ERRADICÁ-LO**





EFÊMERO CRÍTICO

\_estrutura parasita\_



**É NECESSÁRIO TORNAR O PROBLEMA VISÍVEL**

**PARA ENTÃO ERRADICÁ-LO**



EFÊMERO CRÍTICO

\_estrutura parasita\_



**É NECESSÁRIO TORNAR O PROBLEMA VISÍVEL**

**PARA ENTÃO ERRADICÁ-LO**



EFÊMERO CRÍTICO

\_estrutura parasita\_



**É NECESSÁRIO TORNAR O PROBLEMA VISÍVEL**

**PARA ENTÃO ERRADICÁ-LO**



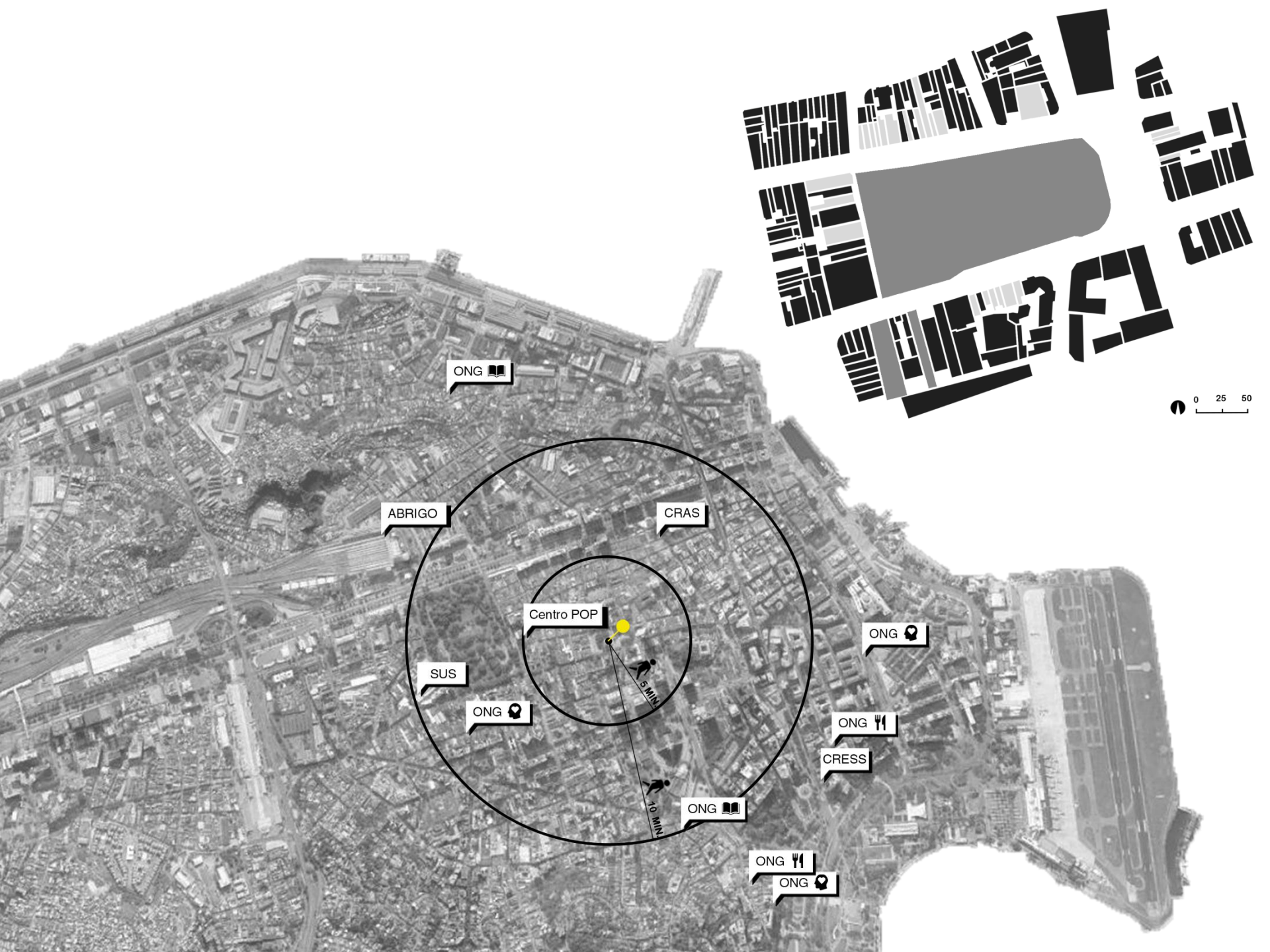
SOLUÇÃO ESTÁVEL

\_metodologia housing first\_









ONG 

ABRIGO

CRAS

Centro POP

SUS

ONG 

ONG 

ONG 

CRASS

ONG 

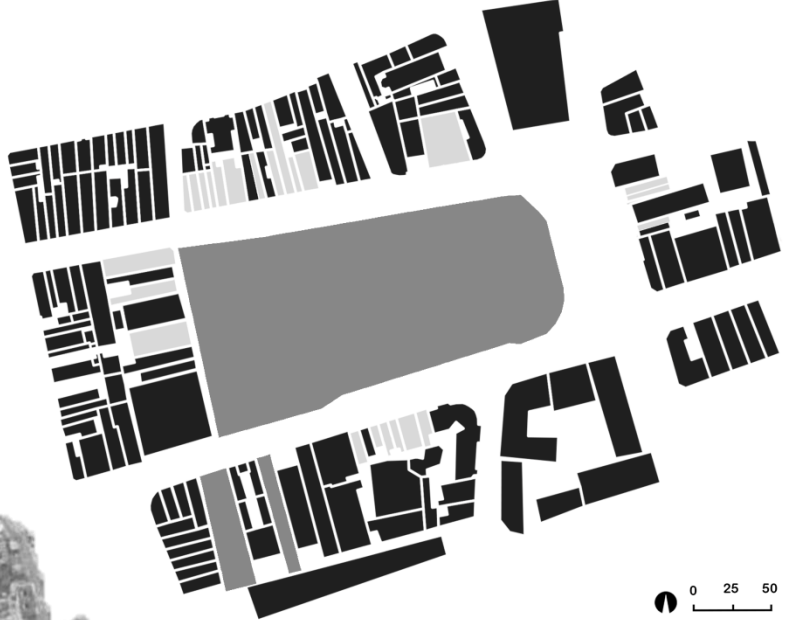
ONG 

ONG 

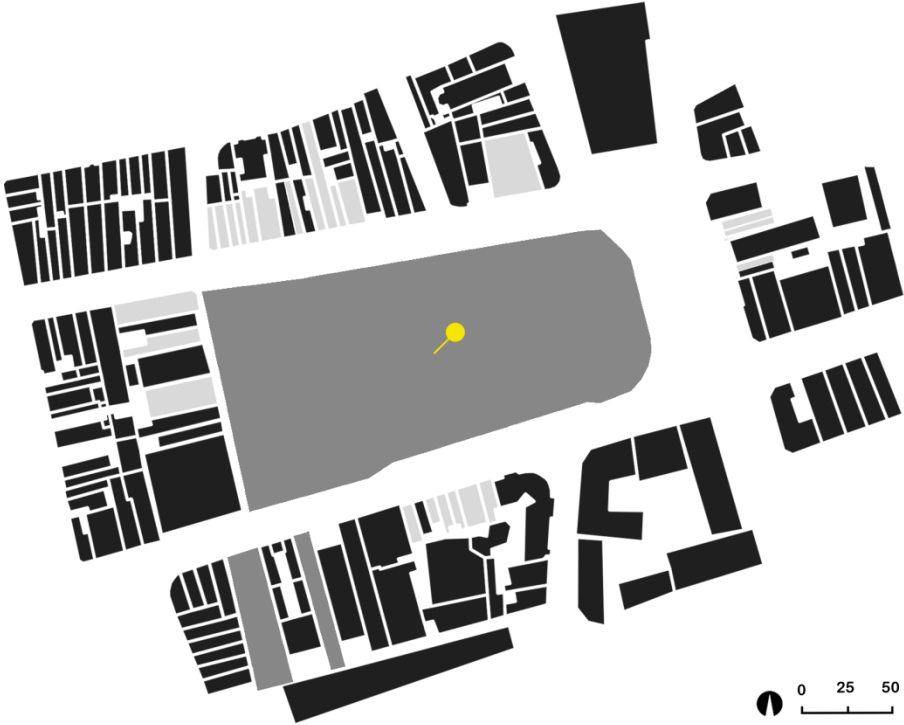
0 25 50

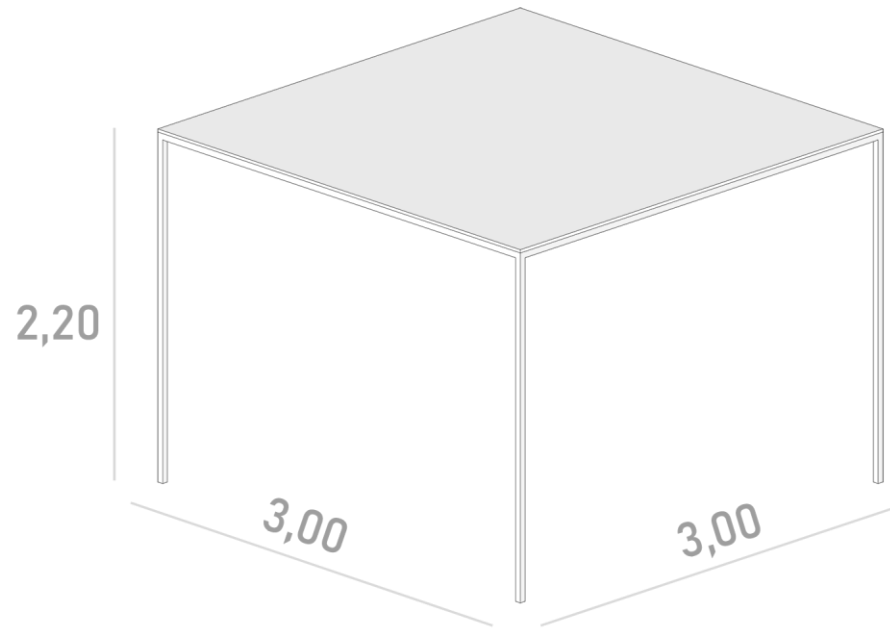
5 MIN

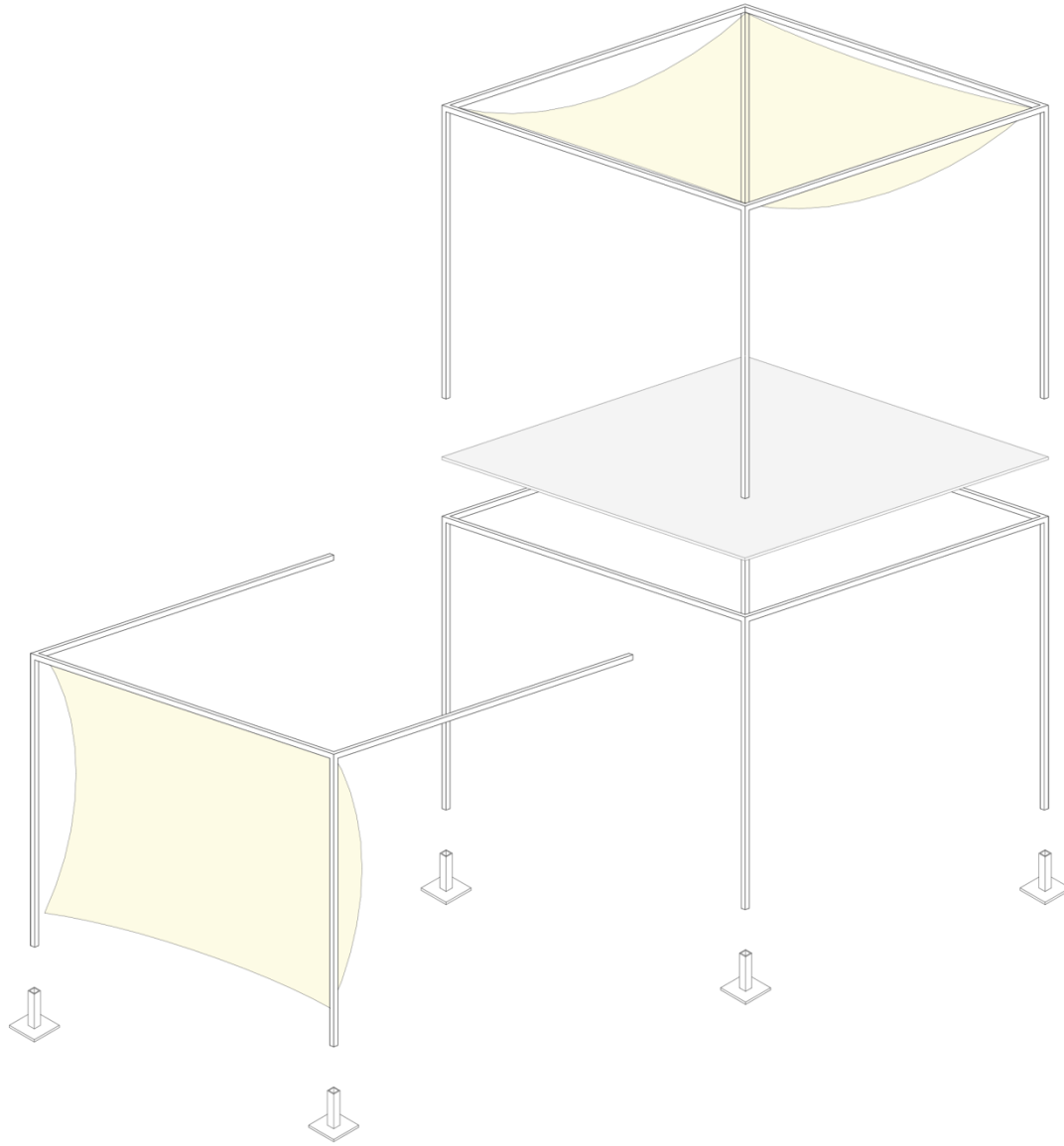
10 MIN



# EFÊMERO CRÍTICO



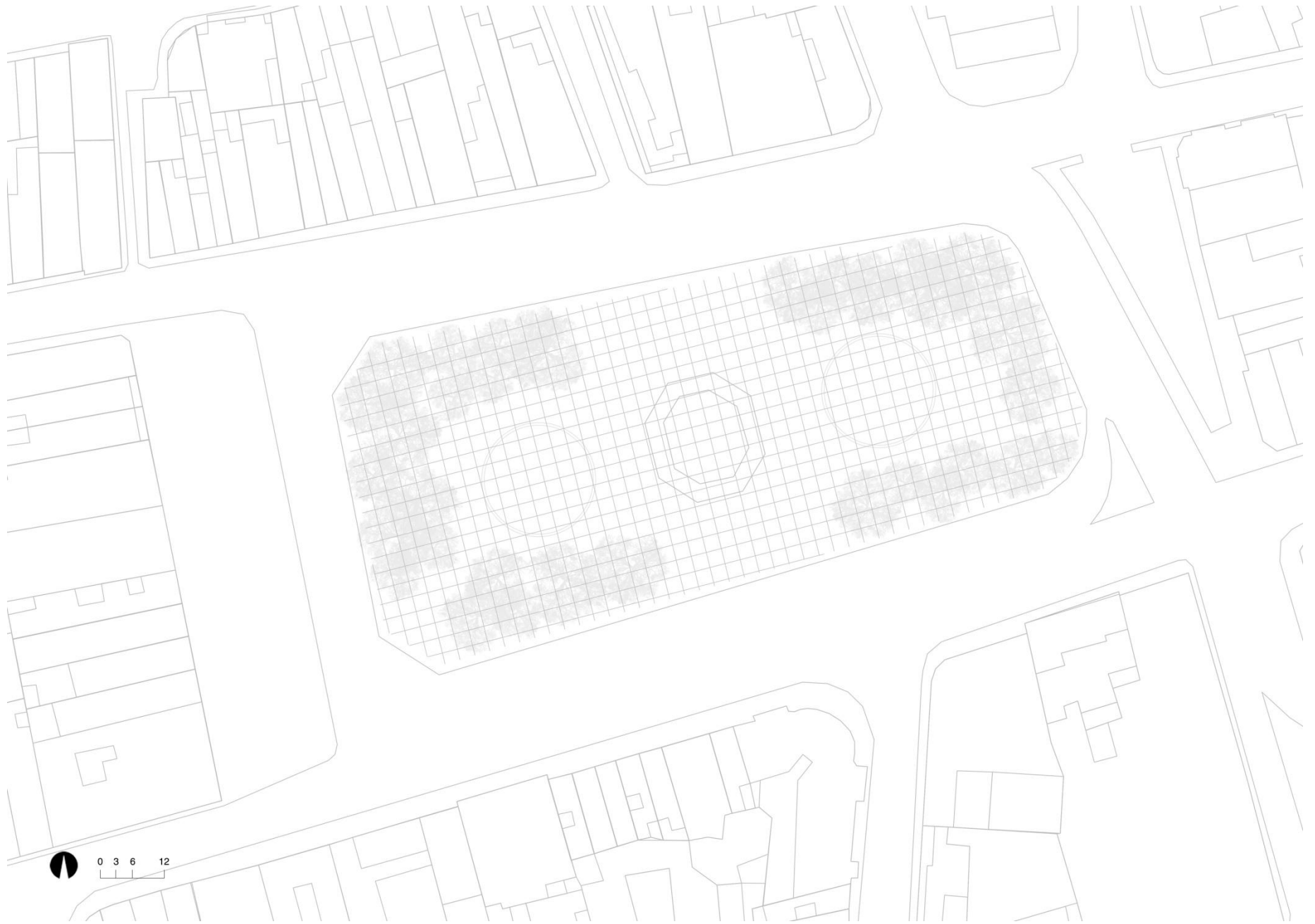








0 3 6 12



0 3 6 12



0 3 6 12

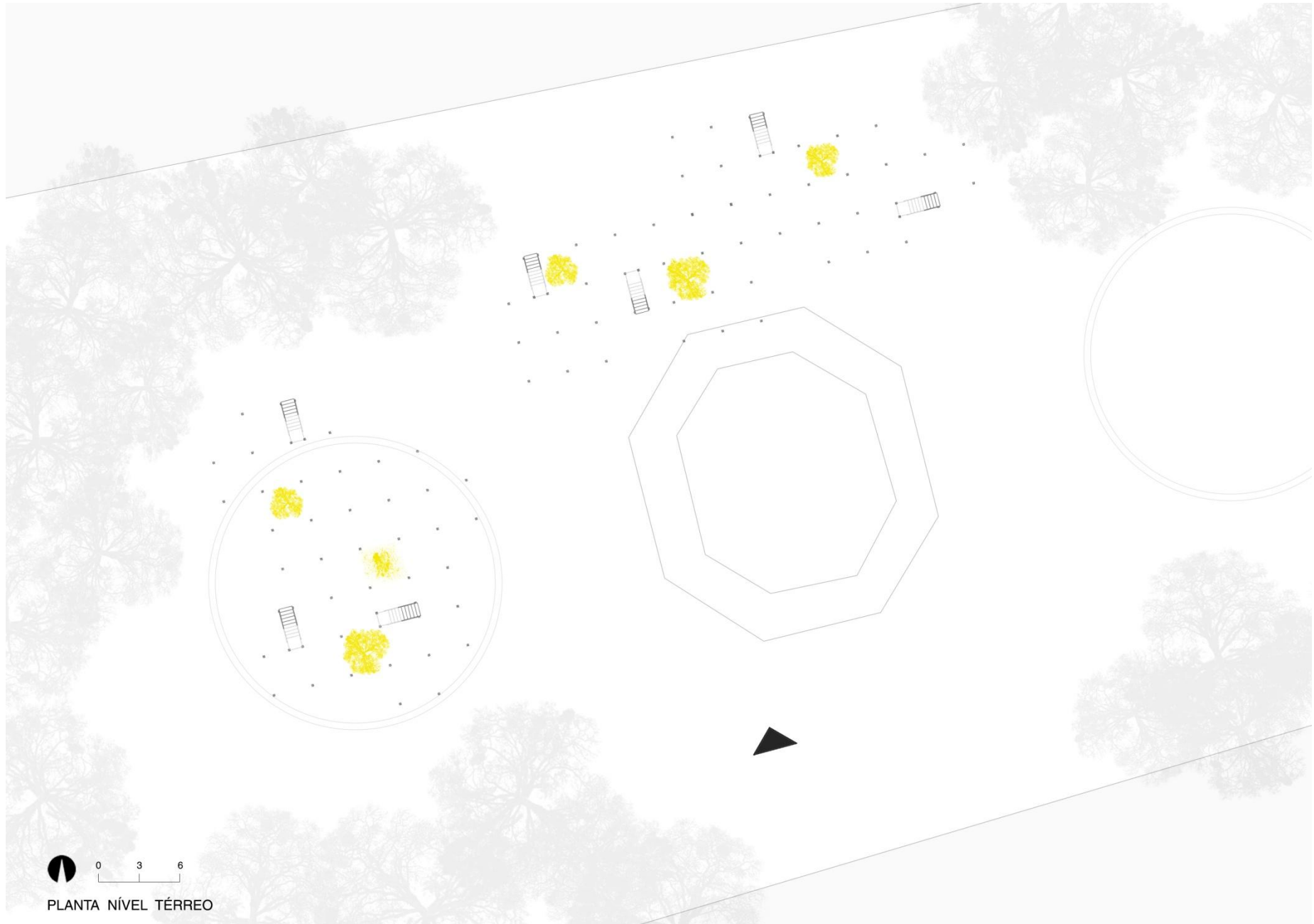


0 3 6 12



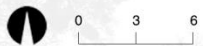


0 3 6 12

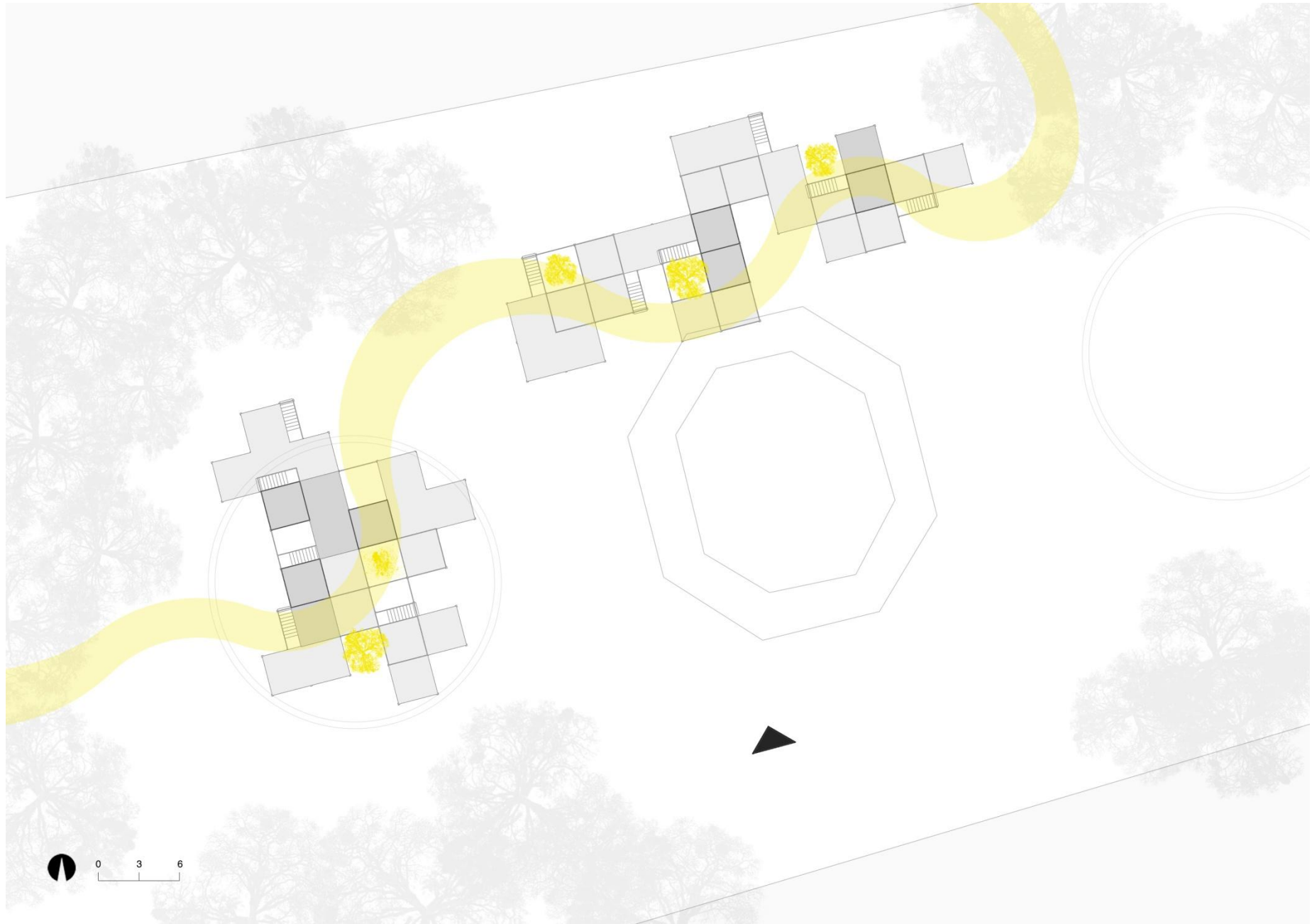


0 3 6

PLANTA NÍVEL TÉRREO



PLANTA NÍVEL +2,20







0 1,5 3

ELEVAÇÃO



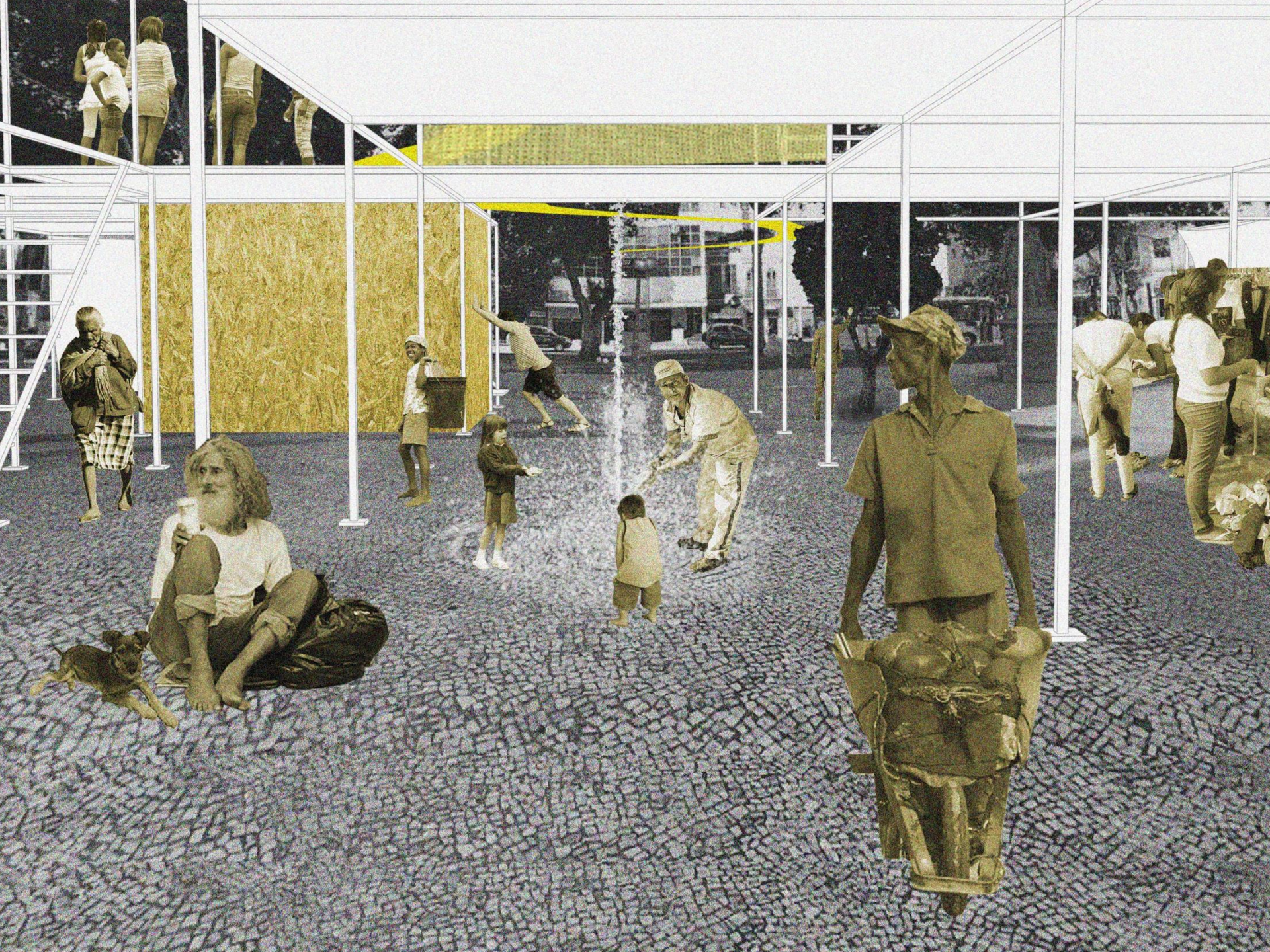






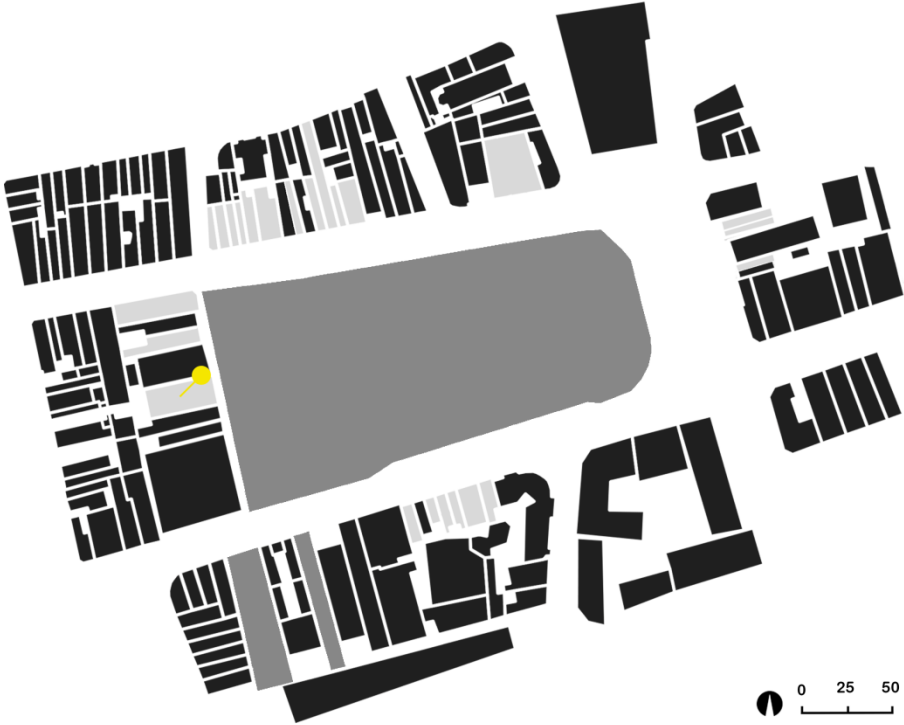


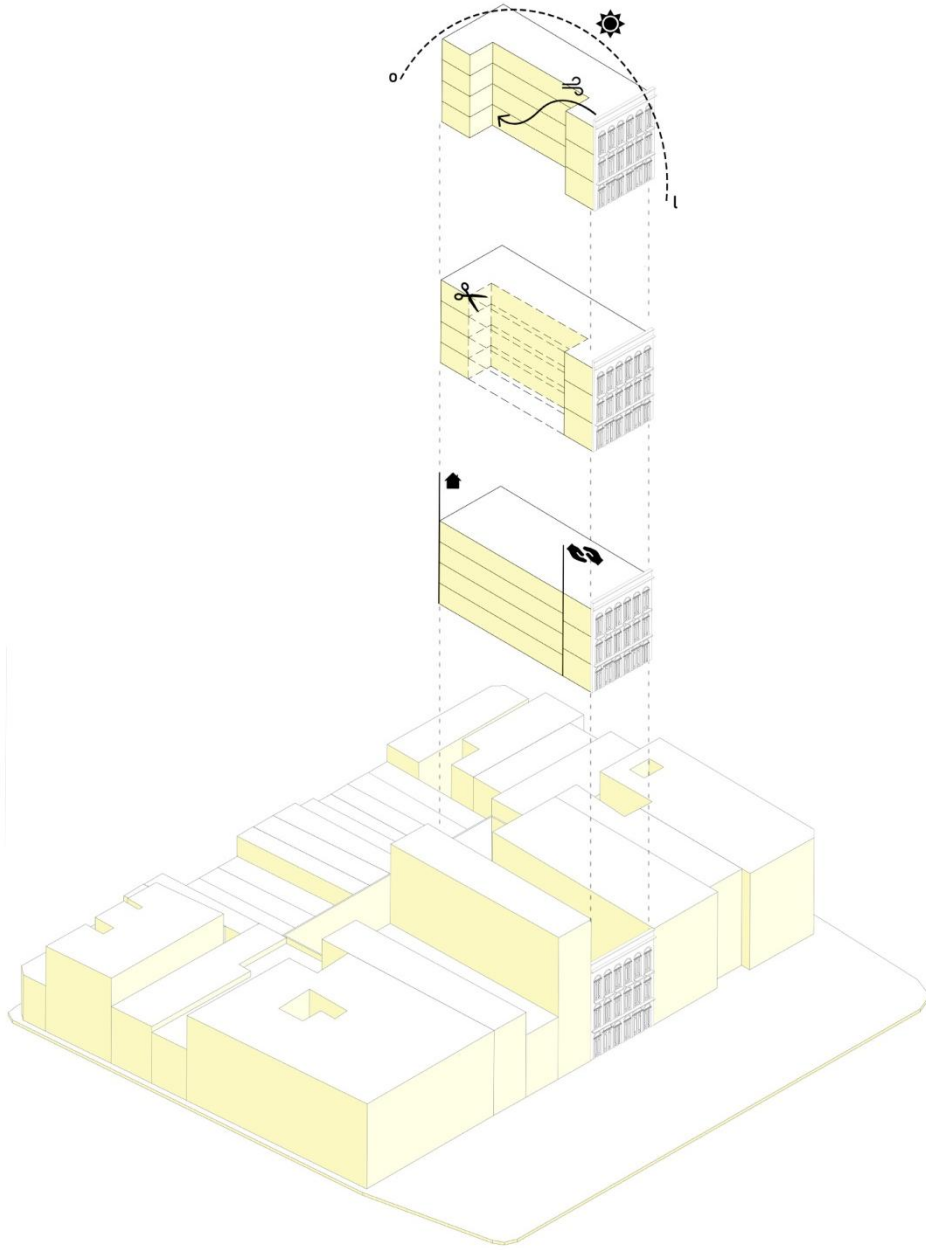


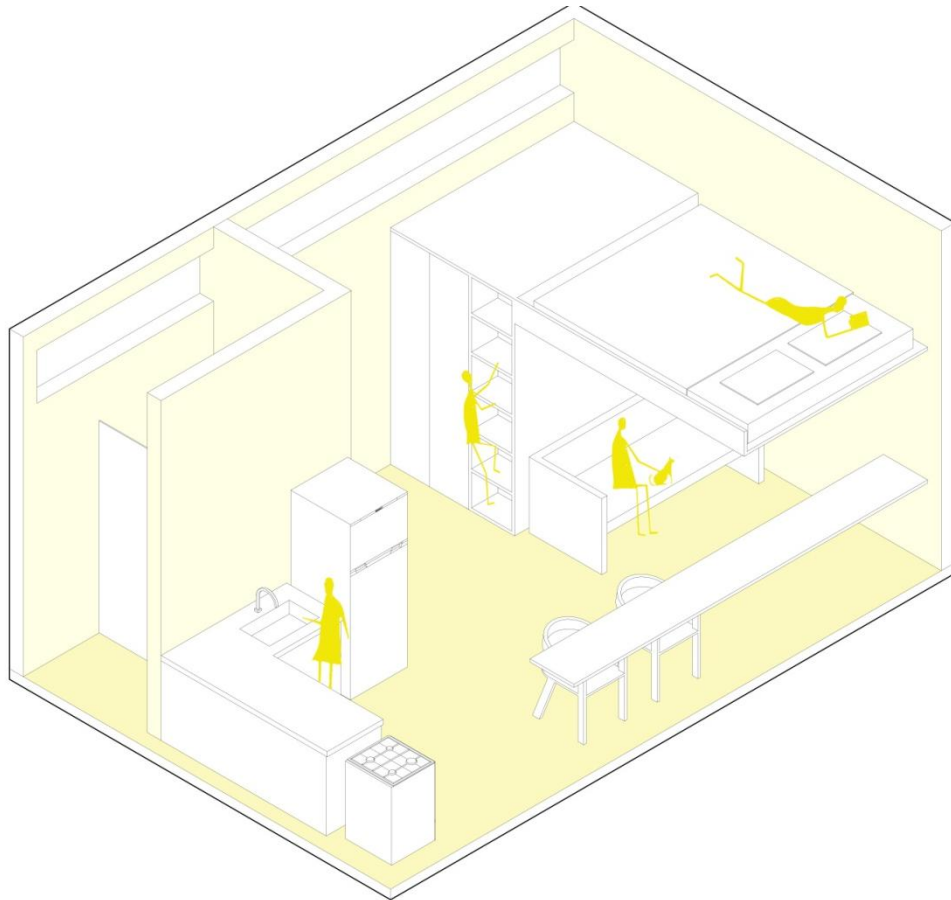
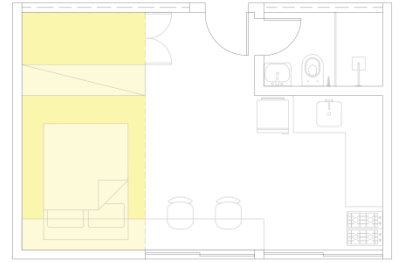
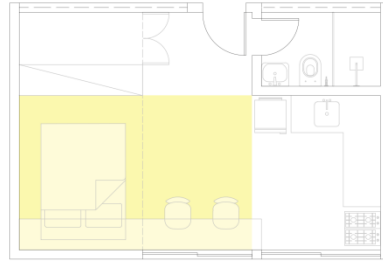
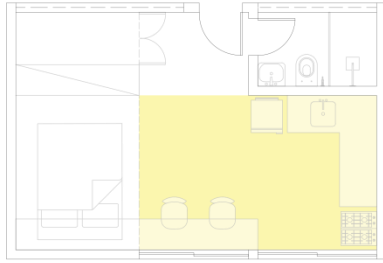
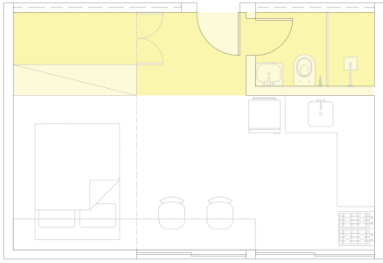




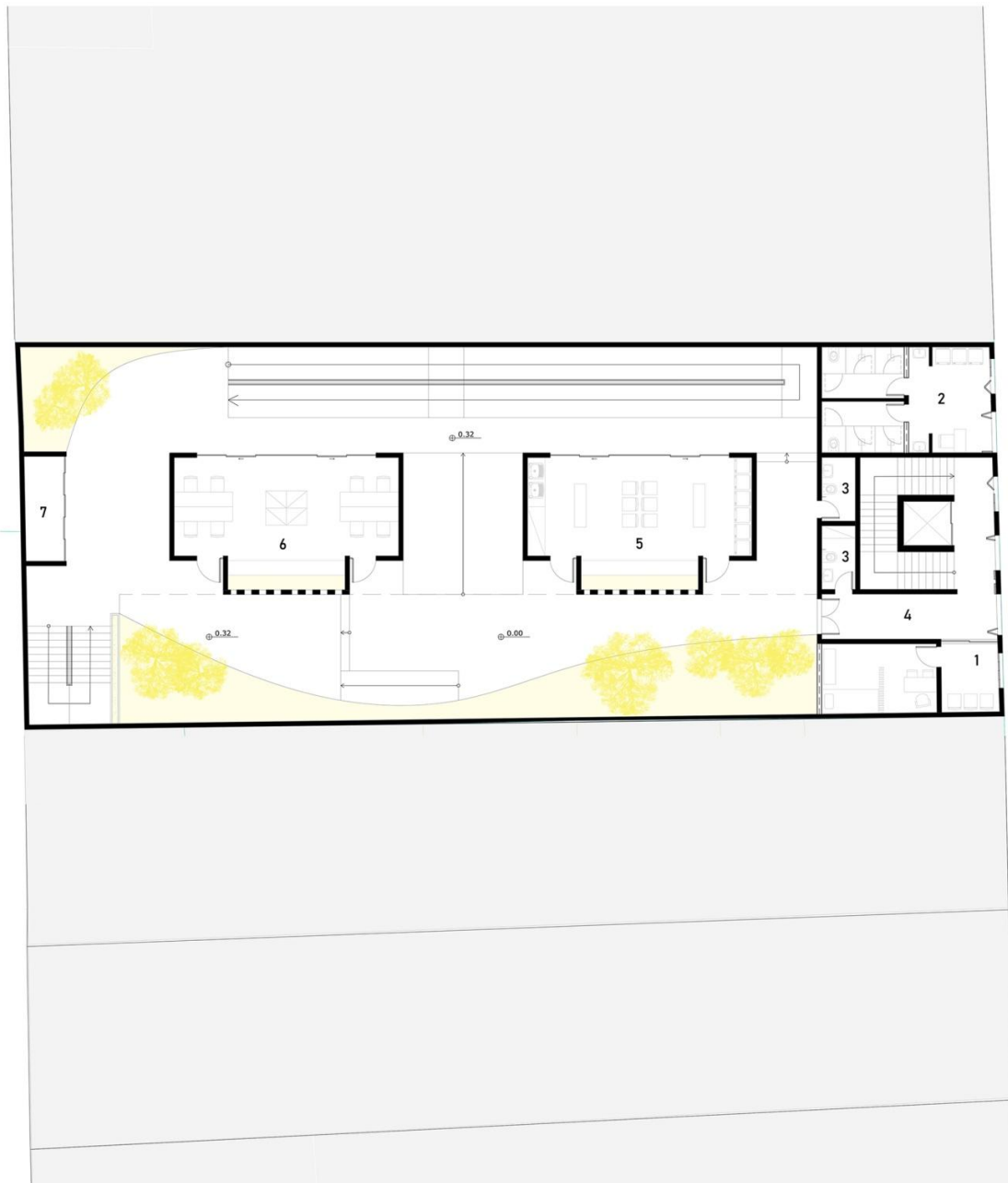
# SOLUÇÃO ESTÁVEL









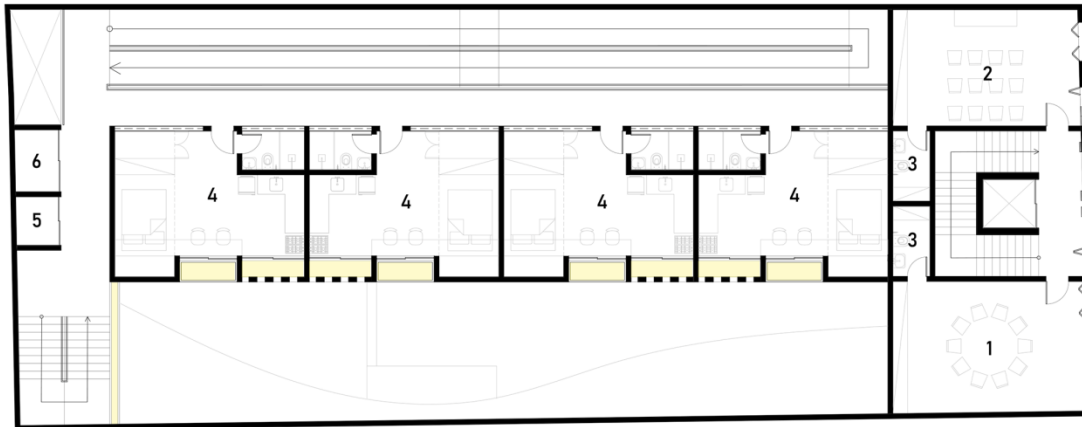


- 1 ENFERMARIA - 14.15m<sup>2</sup>
- 2 BANHEIRO PÚBLICO - 20.70m<sup>2</sup>
- 3 LAVABO - 2.35m<sup>2</sup>
- 4 HALL DE ENTRADA - 9.15m<sup>2</sup>
- 5 LAVANDERIA - 28.00m<sup>2</sup>
- 6 OFICINA - 28.00m<sup>2</sup>
- 7 DTL - 4.90m<sup>2</sup>



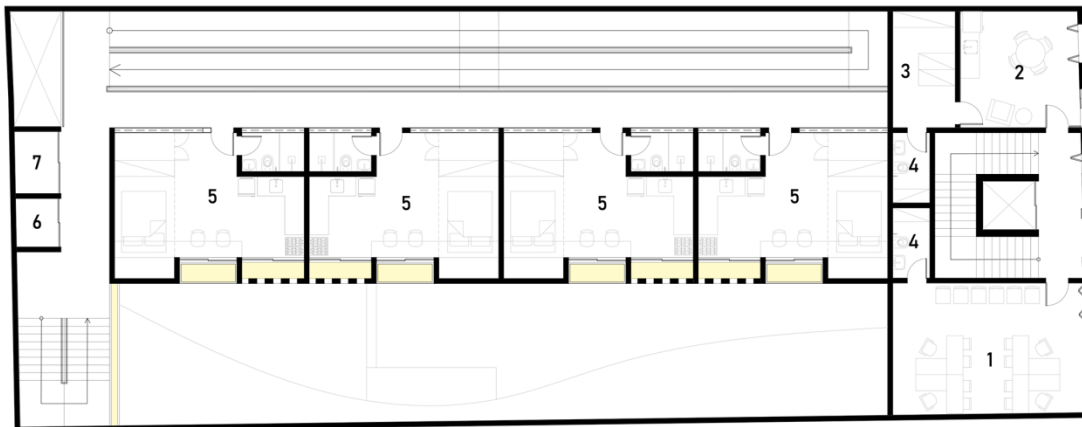
0 1.5 3

PLANTA BAIXA TÉRREO



- 1 SALA MULTIUSO 1 - 24.20m<sup>2</sup>
- 2 SALA MULTIUSO 2 - 20.65m<sup>2</sup>
- 3 LAVABO - 2.35m<sup>2</sup>
- 4 HABITAÇÃO - 22.50m<sup>2</sup>
- 5 CCP - 1.85m<sup>2</sup>
- 6 DEPÓSITO - 2.60m<sup>2</sup>

PLANTA BAIXA 1º PAVIMENTO



- 1 APOIO BUROCRÁTICO - 24.20m<sup>2</sup>
- 2 SALA DE FUNCIONÁRIOS - 13.20m<sup>2</sup>
- 3 DEPÓSITO - 6.95m<sup>2</sup>
- 4 LAVABO - 2.35m<sup>2</sup>
- 5 HABITAÇÃO - 22.50m<sup>2</sup>
- 6 CCP - 1.85m<sup>2</sup>
- 7 DEPÓSITO - 2.60m<sup>2</sup>

PLANTA BAIXA 2º PAVIMENTO



